

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUI – UESPI
CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

JOSÉ MARIA DA COSTA

**AS TRANSMUTAÇÕES DO ESPÍRITO E A CRÍTICA À METAFÍSICA EM ASSIM
FALOU ZARATUSTRA DE FRIEDRICH NIETZSCHE**

Parnaíba – PI

2017

JOSÉ MARIA DA COSTA

**AS TRANSMUTAÇÕES DO ESPÍRITO E A CRÍTICA À METAFÍSICA EM ASSIM
FALOU ZARATUSTRA DE FRIEDRICH NIETZSCHE**

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Filosofia da Universidade Estadual do Piauí-UESPI, como requisito para obtenção do grau de licenciado em Filosofia.

Orientadora: Profa. Ma. Roberta Liana Damasceno

Parnaíba-PI

2017

C837t Costa, José Maria da.

As transmutações do espírito e a crítica à metafísica em *Assim falou Zaratustra* de Friedrich Nietzsche / José Maria da Costa. - 2017.
84 f.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI,
Curso de Licenciatura Plena em Filosofia, *Campus* Profº. Alexandre Alves
de Oliveira, Parnaíba-PI, 2018.

“Orientador: Profa. Ma. Roberta Liana Damasceno.”

1. Metafísica. 2. Metamorfoses. 3. Espírito Humano. 4. Pensamento
Nietzchiano. 5. Novos Valores. I. Título.

CDD: 100



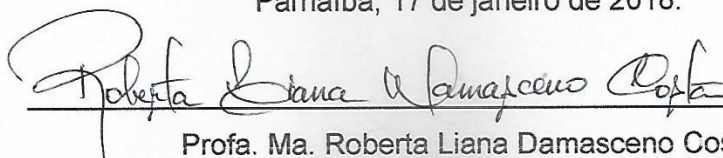
GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO – PREG
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA – Nº 009

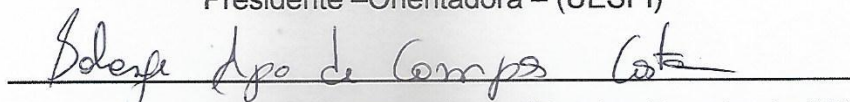
Aos dezessete dias do mês de janeiro de dois mil e dezoito, às dezenove horas, na Universidade Estadual do Piauí, Campus Professor Alexandre Alves, reuniu-se a Comissão Examinadora composta pelos Profs. Ma. Roberta Liana Damasceno Costa (Presidente- Orientadora/UESPI), Dra. Solange Aparecida de Campos Costa (Membro Examinador/ UESPI) e Ms. Carlos Henrique Carvalho Silva (Membro Examinador/ UFPI), para arguir o graduando, **JOSÉ MARIA DA COSTA** e avaliá-lo quanto à defesa da monografia intitulada: “ **AS TRANSMUTAÇÕES DO ESPÍRITO E A CRÍTICA À METAFÍSICA EM ASSIM FALOU ZARATUSTRA DE FRIEDRICH NIETZSCHE**”.

Após a arguição, a Banca Examinadora, composta pelos professores já identificados, resolveu Apelar a monografia examinada e atribuir a nota 9,0. Eu, Roberta Liana Damasceno Costa (Presidente da Banca Examinadora), lavrei a presente ata que segue assinada por mim e pelos demais membros da Banca Examinadora.

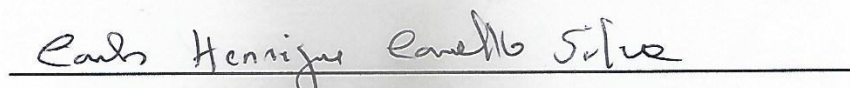
Parnaíba, 17 de janeiro de 2018.



Profa. Ma. Roberta Liana Damasceno Costa
Presidente –Orientadora – (UESPI)



Dra. Solange Aparecida de Campos Costa (Membro Examinador/UESPI)
Examinador 1



Ms. Carlos Henrique Carvalho Silva (Membro Examinador/ UFPI)
Examinador 2

O homem é uma corda, atada entre o animal e o super-homem – uma corda sobre o abismo.

(Nietzsche, Assim Falou Zaratustra)

RESUMO

Este trabalho possui como objetivo principal, tornar explícita a crítica à Metafísica, apresentada pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) em sua obra *Assim Falou Zaratustra*, além de tornar claro o significado atinente às três metamorfoses do espírito que, conforme o filósofo, o espírito humano passa até que possa tornar-se livre, além de que, mostra-se portanto, além disso, bastante relevante em nossa pesquisa a análise feita no intuito de entender a força do pensamento nietzschiano, não somente ao que concerne à sua crítica à Metafísica, como também o fato de podermos nos livrar dos valores por ela impostos e abrir um leque de possibilidades para o empreendimento do homem e a proposta da criação de novos valores, não mais como os antigos, e sim valores fundados nesse mundo, que possam ser superados quando não mais fizerem sentido.

Palavras-chave: Metafísica. Metamorfoses. Espírito humano. Novos valores. Nietzsche.

ABSTRACT

The main objective of this work is to make explicit the criticism of Metaphysics presented by the German philosopher Friedrich Nietzsche (1844-1900) in his work Thus spoke Zarathustra, in addition to clarifying the meaning concerning the three metamorphoses of the spirit which, according to the philosopher, the human spirit passes until it can become free, besides, it is therefore also very relevant in our research the analysis made in order to understand the strength of Nietzschean thinking, not only to what concerns his criticism to Metaphysics, as well as the fact that we can get rid of the values imposed by it and open up a range of possibilities for man's enterprise and the proposal to create new values, no more like the old ones, but values based on this world, that can be overcome when they no longer make sense.

Keywords: Metaphysics. Metamorphoses. Human spirit. New values. Nietzsche

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I- A Filosofia nietzschiana e a crítica à Metafísica.....	11
1.1 Nietzsche: a figura do filósofo antagonista	11
1.2 Zaratustra - Profeta Persa.....	19
1.3 Nietzsche e Zaratustra: da crítica aos valores à proposta de superação de si.....	21
1.4 Considerações sobre o Pensamento nietzschiano.....	25
CAPÍTULO II-AS TRANSMUTAÇÕES DO ESPÍRITO	31
2.1 Metamorfose e vida	31
2.2 Primeira Metamorfose: O Espírito Camelo	34
2.3 Segunda Metamorfose: O Espírito Leão	44
2.4 Terceira Metamorfose: O Espírito Criança	52
CAPÍTULO III-Vida e Valor	Erro! Indicador não definido.62
3.1 Metafísica e Niilismo	63
3.2 Bem e Mal: Afirmação e Negação da Vida	67
3.3 Vida e Vontade de Poder	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS	83

INTRODUÇÃO

Esta monografia tem por objetivo fazer uma análise acerca do pensamento e articulação de Friedrich Nietzsche, referente ao homem e a carga de valores pesados que ele carrega, desde o surgimento do modo de pensar no qual a razão conseguiu sobrepor-se aos instintos, que segundo o filósofo alemão, iniciou-se com Sócrates, teve um aperfeiçoamento considerável em Descartes e ganhou força e foi otimizado através do cristianismo. Nietzsche busca então abrir caminho para um novo modo de pensar baseado em uma ética que devolva ao homem o ímpeto de vida afirmativa, com valores imanentes, advindos da vontade de poder como fonte inesgotável de vitalidade.

Vemos como de suma importância nos atermos ao estudo dos temas próprios de uma filosofia potente como é a filosofia nietzschiana pela necessidade de tornar explícito as bases de seu pensamento, tendo como cerne o entendimento de seus principais conceitos bastante atuais. Nietzsche ainda é um pensador muito estudado nas diversas áreas do ensino acadêmico, com mais afinco nos cursos de humanas.

Nietzsche demonstra na obra *Assim Falou Zaratustra*, sua crítica à Metafísica e uma possível solução através de uma proposta afirmativa para o surgimento de um novo tipo de homem, não mais regido por valores heterogênicos, mas sim criador de seus próprios valores de forma afirmativa. O filósofo alemão utiliza para tal empreendimento o projeto das três metamorfoses do espírito como possibilidade de uma moral aristocrática, na qual restabeleça-se todo o vigor da vida como ela é, e não como deveria ser.

Utilizaremos como norte à nossa pesquisa o percurso que o filósofo perfaz em várias de suas obras, para clarificar o seu intuito que a nosso ver é o de

mostrar ao homem que ele deve valorizar essa vida como a única possível. O filósofo busca também através de seu pensamento, não destruir a Metafísica, mas dar a ela valores imanescentes, dando uma base científica à mesma.

Para tanto, nossa pesquisa foi dividida em três capítulos. O capítulo inicial “A Filosofia Nietzscheana e a Crítica à Metafísica”, possui a sustentação histórica na vida e obras do filósofo. Faremos um panorama do seu convívio familiar, estudantil e até mesmo amoroso, até sua fase de jovem professor de Filologia na Universidade da Basileia, bem como o despertar de seu interesse pela filosofia após o contato com a obra de Arthur Schopenhauer.

No segundo capítulo, isto é, “As Transmutações do Espírito”, já surgem os principais conceitos de sua filosofia afirmativa, através das três metamorfoses do espírito, na qual estão embutidos seus principais conceitos, como por exemplo: a “morte de Deus”, a “vontade de poder”, o “super-homem”, o “amor fati” e o “eterno retorno”. Analisaremos também neste capítulo o estreitamento e a relação direta que alguns conceitos possuem, e até mesmo confundem-se, além do surgimento ou retorno do homem aristocrata, que conforme seus estudos filológicos, já existiu na Grécia Antiga ou pré socrática.

No terceiro e último capítulo, intitulado “Vida e Valor”, iremos nos deter um pouco mais sobre a questão de uma ligação entre metafísica e o niilismo, no qual exploraremos também a analogia que o filósofo alemão faz entre vida e vontade de poder, bem como a infantilidade, que segundo o mesmo, o homem comete ao tentar valorar a vida. Nessa parte do texto nos aprofundaremos mais nos juízos de valor “bem” e “mal”, assim como a perspectiva do nobre e a do escravo para estabelecer tal valoração, e o exame de qual perspectiva traz algum ganho de vitalidade para o homem, já que isto é que interessa para o filósofo.

CAPÍTULO I

A FILOSOFIA NIETZSCHIANA E A CRÍTICA À METAFÍSICA

1.1 Nietzsche: a figura do filósofo antagonista

Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu na cidade de Röcken, um vilarejo situado no distrito de Weißenfels, estado da Saxônia, em 15 de outubro de 1844. Perdeu seu pai muito jovem, aos cinco anos de idade.

Meu pai nascido em 1813, faleceu em 1849. Antes que ele fosse vigário da comuna de Roecken, não longe de Lützen, vivera ele alguns anos no castelo de Altenburgo e ali instruíra as quatro princesas. As suas discípulas são a rainha de Hannover, a princesa Constantina, a grã-duquesa de Oldenburgo e a princesa Teresa de Saxônia-Altenburgo. Nutria profunda admiração para com o rei da Prússia Frederico Guilherme IV, por quem foi nomeado para o posto de vigário; os acontecimentos de 1848 compungiram-no atrozmente. Eu, nascido no dia natalício do rei, tive, como era natural, os nomes dos Hohenzollern, Frederico Guilherme. A escolha de tal dia teve algo de bom, como seja isto: o dia do meu aniversário foi, durante toda minha infância, dia de festa. (NIETZSCHE, 2002, p.41).

Se não bastasse a imensurável perda de seu pai, logo em seguida viria a perder também seu irmão mais novo. Após esses episódios tristes da sua vida, passou então a depender apenas dos cuidados de sua mãe, que por consequência, muda imediatamente para uma cidadezinha localizada às margens do rio Saale, chamada Naumburg. Nietzsche passa então a conviver com duas tias, sua mãe “Franzisca Oehler e sua avó paterna Erdmuthe Krause” (NIETZSCHE, 2002, p.46). Sendo instruído desde os primórdios de sua infância por sua mãe, nos rigorosos princípios da religião Cristã.

Durante sua infância era considerado um aluno exemplar, uma criança sempre alegre, pacata e leal. Os amigos do colégio o apelidaram de “pequeno pastor” (AURÉLIO, 2009, p. 20), haja vista sua condição de membro de uma família luterana, que chegou até mesmo a cogitar seguir os passos de seus predecessores. Nessa época dedicou-se bastante às leituras bíblicas. No entanto motivado pelo professor Ritschl – filólogo consagrado – para o qual a filologia representava o estudo do pensamento e que, de acordo com Nietzsche, “era o único douto genial que até aqui tivera conhecido” (NIETZSCHE, 2002, p.64), desviou-se do caminho seguido por seu pai e seu avô, passando então a interessar-se por Filosofia, após ler *O Mundo como Vontade e Representação*, de Arthur Schopenhauer¹, o que o fez desistir de vez da Teologia.

“Deus”, “imortalidade da alma”, “redenção”, “além”, todos esses são conceitos que nunca levei em conta; nunca com eles sacrifiquei o meu tempo, nem mesmo quando criança; talvez nunca fosse bastante ingênuo para fazê-lo? Para mim o ateísmo não é nem uma consequência, nem mesmo um fato novo: existe comigo por instinto. Sou bastante curioso, suficientemente incrédulo, demasiado insolente para contentar-me com uma resposta tão grosseira. Deus é uma resposta rude, uma indelicadeza contra nós pensadores; antes dizendo-se a verdade, não é senão um tosco empecilho contra nós mesmos: não deveis cogitar dele! (NIETZSCHE, 2002, p. 50).

Nietzsche dava mostras desde cedo de seu espírito irrequieto, nunca aceitando fácil as coisas sem uma investigação mais acurada. Ainda durante sua época de escola, o “filósofo das alturas” compunha melodias e escrevia versos para uma pequena sociedade artística e literária fundada por ele em conjunto com seus amigos, fatos que colaboraram para deixar mais aguçada sua reflexão filosófica, bem como a sua destreza em exercer tão bem a função de iconoclasta. Intitulava-se um derrubador de ídolos. Estes representando todos os ideais inventados pelo homem para deturpar a realidade. Além de tudo, descrevia-se

¹ O filósofo criticava a visão iluminista da vida, argumentando que o mundo nada mais é do que nossa representação dele, portanto, o resultado da organização de nossas percepções. O mundo seria essencialmente vontade de existir.

“bastante curioso, incrédulo e insolente para contentar-se com respostas grosseiras” (NIETZSCHE, 2002, p. 64).

Conseguiu uma bolsa de estudos em 1858, na conceituada e “venerável escola de Pforta” (NIETZSCHE, 2002, p.52), famosa pela forte formação filológica e seus estudos bíblicos, onde estes eram estudados com rigidez e afinco, o que foi de enorme importância para sua vida de aluno secundarista. Também em Pforta foi onde começou a ter noções de língua e literatura grega e latina.

Na universidade de Bonn concluiu dois cursos: Teologia e Filologia Clássica. Passou então a lecionar Filologia na Universidade de Basileia na Suíça de 1878 a 1879, ano que foi obrigado a deixar a cátedra por causa de doença. Sua saúde já demonstrava sinais de como seria complicada sua vida. Passou a sobreviver de uma pensão de 3.000 francos suíços que eram o que possibilitavam financiar a publicação de seus livros e pagar suas viagens. Época que viajou bastante pela costa azul francesa e pela Itália, aproveitando o seu tempo para escrever bastante e conviver com amigos e intelectuais.

Uma grande decepção – talvez a maior em sua vida – foi de cunho amoroso, ocorrida por conta de um amor não correspondido: por causa da sífilis contraída na época de sua vida conturbada em Bordéus, não pode levar a termo sua grande aspiração – casar-se com Lou Salomé. Talvez até mesmo não conseguiu interpretar corretamente as aspirações de sua amada.

Lou sempre havia cultivado a ideia de formar uma comunidade de estudos e de amizade, e, de certo modo, Nietzsche apareceu, logo após Paul Rée, em 1882, como o terceiro componente da dita união. Não eram esses os planos do pensador, que pretendia com Lou aquela exclusividade “possessiva” que ele mesmo assinalara para o amor entre os sexos. Daí sua frustração ante a negativa do seu pedido de matrimônio – feito por intermédio de Rée – e diante dos anelos femininos: um quarto cheio de livros e flores e os “camaradas” de trabalho (BARROS, DIAS, VANDERLEI, 2011, pág. 14).

O que podemos constatar por intermédio de nossa pesquisa sobre a vida e obra do filósofo, é uma busca frustrada por um amor, alguém que pudesse completá-lo e realizá-lo como homem. Porém após várias tentativas, como no caso de sua paixão por Cosima Wagner, “que mais tarde foi a Ariadna das cartas de sua loucura em Turim de 1889” (BARROS, DIAS, VANDERLEI, 2011, p.14) esposa de seu grande amigo por longo período, Richard Wagner, não conseguiu seu intento. Talvez fatores que contribuíram para além de seu isolamento, também o elogio e indução explícitos à solidão.

Mas é necessário que fique claro que, a solidão para Nietzsche, não representa de forma alguma algo negativo. Conforme o diagnóstico de Barros, Dias, Vanderlei² (2011), a solidão não várias vezes invocada por Nietzsche como necessária, preventiva e purificadora, não é sinal de desinteresse ou sintoma de inatividade, ela significa o expediente imprescindível ao exercício da Filosofia. A solidão representa uma condição insuperável de configuração do pensamento. Entendemos que Nietzsche eleva a necessidade de solidão porque é justamente na solidão que as forças tornam-se mais fortes por não sofrerem constrangimento de nada externo.

De acordo com Barros, Dias, Vanderlei (2011), o episódio de amor não correspondido entre Nietzsche e Lou Salomé serviu como inspiração para inúmeros romancistas, interpretes e biógrafos. Existiu então em sua ótica, uma tentativa por parte de Lou, Paul Rée e Nietzsche em fundar uma comunidade “além do bem e do mal”, constando nesta relação aquela velha tensão entre amor e ódio, responsável por caracterizar todo o choque e encontro de forças através da expressão mais patética, no amor dos amantes e amigos.

² BARROS, Tiago; DIAS, Rosa; VANDERLEI, Sabrina. Leituras de Zaratustra. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

Lou representava a grande figura da discípula aguardada, mas não só isso: também representava a figura feminina capaz de despertar seus sentimentos mais profundos. Por decisão da amada, esta optou em continuar apenas como sua discípula e amiga, logo ocasionou o afastamento entre ambos.

Há quem buscou os vestígios de Lou no Zaratustra, ligando por exemplo, a paródia da frase “se vais ter com mulheres, não esqueça o chicote” à fotografia que Nietzsche, Rée e Lou tiraram no estúdio de Jules Bonnet, um conhecido fotógrafo suíço, fotografia na qual Lou, com chicotes nas mãos, dirige em uma carroça homens sob seu domínio, ou os rastros de seu amor frustrado em suas referências às mulheres em geral. Há quem considerou que Zaratustra não teria sido possível sem o “affaire Lou”, e que foi a dor desse amor não correspondido que gerou a obra. (BARROS, DIAS, VANDERLEI, 2011, p. 15).

Talvez não se tenha como fazer realmente uma ligação direta entre a obra nietzschiana e sua frustração amorosa, resumida à dois ou três encontros, cercados por intrigas incompreensões e desencantos. Porém, não se pode também negar que na obra, está inscrita a representação de “dispêndio” excessivo, tanto de amor quanto de saúde e afirmação. A obra representa pois, a verdadeira escrita com sangue que, de acordo com Nietzsche: “de tudo quanto se escreve, só é agradável o que alguém escreveu com seu sangue”. (NIETZSCHE, 2012, p.44).

Contudo, Nietzsche tentou ainda ingressar nas forças armadas, na tentativa de seguir carreira militar, porém fora dispensado um ano depois, por causa de uma queda de cavalo durante os exercícios de equitação. Em seguida é convidado a dar aulas na universidade da Basileia, onde “durante sete anos ensinou grego na última classe do pedagogium” (NIETZSCHE, 2002, p. 42), logo após conquistar o grau de doutor sem a necessidade de ser submetido a exames, graças a abissal importância de seus trabalhos publicados, avaliados pelo professor Ritschil. Passando assim a ocupar a cátedra de Filologia Clássica.

Finalmente em 1870, consegue ingressar na carreira militar, na função de enfermeiro, durante a guerra Franco-Prussiana, onde apanhou difteria passando a sofrer também com incômodas disenterias. Tais problemas tornaram as causas de suas dores crônicas de estômago e enxaquecas, que o acompanhariam até sua morte. Ainda, segundo o filósofo, aos trinta e seis anos ele desceu ao ponto mais débil de sua vitalidade, pois “vivia ainda, mas sem enxergar um palmo diante de si” (NIETZSCHE, 2002, p. 37), fato que forçou-o a renunciar sua cátedra de Basileia.

Ao realizarmos um breve percurso sobre os relatos históricos a respeito da vida de Nietzsche, Barros, Dias, Vanderlei (2011) asseveram que muitos obstáculos se fizeram presentes no caminho de um possível relacionamento mais íntimo entre o pensador e Lou Salomé: entre eles podemos destacar a presença de Elizabeth Nietzsche, sua irmã sempre muito ciumenta desta aproximação. Paul Rée, amigo próximo de Lou e Nietzsche, nutria amor pela amada do amigo, aproximada dos Wagner a quem Nietzsche estava distanciado³. A relação entre Nietzsche, Lou e Rée encontrava-se permeada por intrigas familiares e de amigos que escandalizaram-se frente à comunidade entre os três.

Vindo então a entregar-se a uma vida solitária e enclausurada em sua casa, na companhia apenas de sua mãe e sua irmã, que ainda assim sentia-se tão só. Passou seus últimos anos de vida imerso em crises de loucuras, decorrentes de uma paralisia cerebral progressiva hereditária, ou talvez adquirida pelo uso abusivo de psicotrópicos até falecer no dia 25 de agosto de 1900, em

³ A aproximação entre Nietzsche e Wagner ocorreu pelo fato de que este representava para aquele o grande bem-feitor de sua vida. Nietzsche via íntima semelhança entre ambos por terem sofrido profundamente do que podem sofrer seus contemporâneos, isto é, foram incompreendidos pelos alemães da época (NIETZSCHE, 2002 p. 78). O distanciamento ocorreu após Nietzsche considerar Wagner um artista representante de um juízo arrasador e que, ao invés de superar ou transformar o ideal ascético, ele se tornara seu advogado e maior propagandista, fazendo com que a arte, de acordo com o filósofo, traísse os valores da verdadeira vida. Passou portanto, a considerar a música de Wagner como puro sintoma da decadência.

Weimar. Via-se assim dessa forma na mesma situação de seu pai, que falecera jovem.

Felizmente, em minha ajuda, com precisão e oportunidade admiráveis, veio aquela deplorável herança paterna, que, no fundo, não é mais que uma predestinação a morrer jovem. Libertou-me a moléstia lentamente; poupou-me toda ruptura abrupta, qualquer lance violento e escabroso. Não perdi então a estima de ninguém; adquiri, pelo contrário, numerosas amizades (NIETZSCHE, 2002, p.88).

Nietzsche esforçou-se veementemente para mascarar sua fraqueza decorrente da sua saúde já bastante debilitada pela doença. Apesar disso tudo, mostram-se impressionantes as tensões peculiares apenas a quem vive plenamente suas potencialidades.

Podemos perceber, como o mais proeminente signo nietzschiano, sua capacidade de demonstrar-se um forte acima de tudo. Embora submerso à loucura suscitada pela moléstia que o afligia, nunca entregou os pontos, e por viver os eventos conclusivos de maneira dinâmica, à sua maneira, nesse caso, situa-se em uma posição acima dos homens de seu tempo.

As questões postas dessa forma corroboram para as aspirações de Nietzsche concernentes à sua busca por um novo tipo de homem, que não seja refém dos pensamentos metafísicos arraigados no seio da cultura ocidental. O filósofo, embora não possuindo saúde plena, demonstrava possuir enormes aspirações através da sua vontade de poder, vindo portanto a “suprimir a distinção mundo verdadeiro/mundo aparente a fim de situar o agir em outra dimensão. Nietzsche “reconhece, na instituição da ideia, a desvalorização do mundo expressa filosoficamente em termos teórico e prático”. (AZEREDO, 2008, p.19-20).

Vemos como um fato bastante importante, que Nietzsche representa a figura do anti-utopista. Ele não pensa no homem como deveria ser e sim como viver e sobreviver nesse mundo, já que é o único que temos. No pensamento do filósofo destacamos o fato dele não pensar o mundo como deveria ser e sim como ele é, a vida como uma realidade.

Nietzsche (1844-1900) permanece um pensador ainda muito lido nas diversas áreas do saber acadêmico, principalmente nos cursos de Pedagogia, Sociologia, Psicologia, Direito e Filosofia, dentre outros. Através de seu espírito crítico e inquiridor percorreu as sendas mais inacessíveis da história do pensamento ocidental, a fim de investigar e denunciar o caos vivido pela sociedade, afundada na hipocrisia e baseando-se, sobretudo por valores⁴ que não mais fazem sentido para o ser humano por não corresponderem às buscas por ele requeridas. A seu modo de ver, “a modernidade é ainda herdeira da velha tábua de valores construída pelo platonismo e consagrada pela religião cristã” (BARROS, DIAS, VANDERLEI, 2011, p.30).

Podemos entender, dessa forma, que a modernidade na visão de Nietzsche não conseguiu alcançar o patamar de uma cultura elevada e nem adquirir grandeza. Para o filósofo, a força e o vigor da existência são representados pelos gregos trágicos pré-socráticos. Estes venciam o peso da existência por meio da arte trágica.

⁴ Os valores aqui referentes fazem parte de um conjunto de leis, costumes e tradições impostos pela tradição e pela moral religiosa, inseridos através do Platonismo, os quais há tempos constatou-se a ineficácia, justamente pela atuação do tempo e a maldade do próprio homem.

1.2 Zaratustra - Profeta Persa

Diferente do que alguns leitores possam vir a pensar, Zaratustra não foi um personagem inventado por Nietzsche. O filósofo apoderou-se desta nomenclatura para escrever *Assim Falou Zaratustra*, obra escrita entre 1883 e 1885, que influenciou significativamente o mundo moderno. Conforme Barros (2008), Zoroastro ou Zaratustra, profeta e filósofo persa, viveu provavelmente no século VII a.C., na região que compreende hoje ao Iraque, embora sua real história seja cercada de muita lenda e mistérios.

Zoroastro foi o fundador de sua religião, ou melhor, o reformador da religião que o precedeu. A época em que viveu é duvidosa, mas é certo que seu sistema se tornou a religião dominante na Ásia Ocidental a partir do tempo de Ciro (550 a. C.) até a conquista da Pérsia por Alexandre Magno. Durante a monarquia macedônica as doutrinas de Zoroastro foram consideravelmente corrompidas pela introdução de elementos estrangeiros, mas recuperaram depois sua ascendência (BULFINCH, 2002, p. 369).

Zoroastro foi o fundador de uma religião dualista denominada Mazdeísmo ou Zoroastrismo. Tal religião, de acordo com historiadores, designava uma primeira amostra latente acerca de um monoteísmo ético, além de servir como a base a algumas concepções religiosas como o judaísmo, cristianismo e o islamismo.

O Zaratustra nietzschiano assim como o Zaratustra histórico, envereda por uma vida eremita por um longo período de dez anos, meditando até adquirir coragem e sabedoria imperiosa para voltar à civilização. Ele sente a necessidade de reencontrar os outros homens.

Zoroastro representa, para Nietzsche, o grande responsável pela interpretação moral do mundo. Ele difundiu o seu pensamento de que o princípio da vida possuía dois princípios reguladores do universo, que viviam em um

embate constante: o bem ou Ahura Mazda e o mal Ahrimam. Também foi por intermédio dele que instituiu-se o ajuizamento da vida através de pares metafísicos dicotômicos, isto é, a ele fora atribuído o fato de levar a moral ao plano metafísico.

Tudo o que constitui a personalidade, tão original na história daquele persa, resulta precisamente o contrário do que o meu é. Zaratustra foi o primeiro a ver na luta entre o bem e mal a verdadeira rotação no movimento mecânico das coisas; a transposição da moral na metafísica, como força, como causa e objeto em si, é obra sua, mas essa pergunta, seria no fundo, já uma resposta. Zaratustra criou este erro fatalíssimo: a moral; precisamente por isso, deve ser o primeiro a reconhecê-lo (NIETZSCHE, 2002, p. 118).

O ponto mais proeminente de sua doutrina encontra-se talvez mais concentrada em sua pregação do bem, usando como imperativo a máxima “age como gostarias que agissem contigo”. Máxima semelhante podemos ver proclamada também pelo chinês Confúcio e por Jesus Cristo, embora em momentos distintos na história. Desta forma, alude ao fato de que o homem deva tratar o próximo do mesmo modo como deseja ser tratado. Seu aparecimento, conforme Barros, Dias, Vanderlei (2011), deve-se a seu poder de ensinar um suposto caminho de possessão das forças além do que, os elementos que compõem a lenda da sua biografia serão resgatados no Zaratustra nietzschiano.

1.3 Nietzsche e Zaratustra: da crítica aos valores à proposta de superação de si

Um fato que nos deixa intrigados, é porque Nietzsche, um pensador alemão do século XIX, declarado abertamente “um ateu inimigo da igreja” (NIETZSCHE, 211, p.79), usaria a figura de um profeta persa do século VI a.C.

para ilustrar o arauto de seus pensamentos considerados por ele próprio como mais profundos?

Quem é o Zoroastro histórico? Oriundo de Bactriana, anunciado por três dias e três noites de uma luz irrefreável, Zoroastro nasce rindo, talvez com a risada que depois exhibirá o pastor que arranca de sua garganta a serpente do niilismo. (BARROS, DIAS, VANDERLEI, 2011, p. 16).

Esta pergunta poderia ser capaz de nos emudecer diante de tamanho paradoxo, porém, Barros, Dias, Vanderlei (2011), nos dirá então que o estreitamento patente entre Nietzsche e a figura do profeta persa ocorre graças ao seu interesse por temas orientais, ocorrido após a utilização da simbólica de creuser em seu curso no ano de 1877 na Basileia, mas também não nega que um primeiro contato já havia sido feito embora superficialmente, quando o mesmo leu há algum tempo o *Zend-Avesta*⁵ e a arqueologia iraniana, ambos traduzidos por Ritschil Spiegel . Sem esquecer é claro, de seu interesse pelo pensamento oriental, desperto graças à sua aproximação com Schopenhauer.

Em *Ecce Homo* Nietzsche já indica seu intuito principal ao usar o Zaratustra histórico, inventor da ideia do bem e do mal, para ilustrar sua obra mais importante, isto é, o fato de poder refutá-lo, redimindo-o através da demonstração de que para o homem viver uma vida bem vivida, deve saber situar-se em uma posição além do bem e do mal.

Mais importante, Zaratustra é mais veraz do que qualquer outro pensador. Sua doutrina, apenas ela, tem a veracidade como virtude maior – isso é o contrário da covardia do “idealista”, que bate em fuga diante da realidade; Zaratustra tem mais valentia no corpo do que os pensadores todos reunidos. Falar a verdade e atirar bem com flechas, eis a virtude persa. – compreendem-me? ... A auto superação da moral pela veracidade, a auto superação do moralista em seu contrário – em mim – isto significa em minha boca o nome Zaratustra. (NIETZSCHE, 2008, p. 104).

⁵ Bíblia do Zoroastrismo, composto por cânticos, louvores e orações.

Diferente do pensamento nietzschiano, no qual o princípio que rege todo universo, encontra-se pautado na realidade do embate permanente de forças, presente na vontade de poder, que se mostra através do vir-a-ser, a visão de mundo do profeta persa é pautada na ideia de bem e mal como princípio último de tudo o que ocorre no universo. Refere-se no caso, a uma ideia teológica na qual tudo tende a esses dois princípios totalmente antagônicos, que vivem em luta.

Na obra *Ecce Homo*, Nietzsche evidencia a semelhança entre Zaratustra e ele, ao dizer que aquele possui a finalidade que também é a sua, “dado que não pode haver equívoco sobre o significado do mesmo: é afirmativo até a justificação, até a redenção de todo o passado” (NIETZSCHE, 2002, p. 105). Ambos também possuem o mesmo gosto por montanhas. Assim como Zaratustra que além de ter passado dez anos recluso em uma caverna no alto de uma montanha, sempre retornava a ela para refletir e meditar, estar nas alturas faz suscitar em Nietzsche uma sensação de liberdade e força.

Nietzsche e Zaratustra são derrubadores de ídolos, isto é, de ideais, o que afirma o próprio filósofo dos alpes, ao asseverar que: “toca mais de perto meus anelos íntimos” (NIETZSCHE, 2002, p. 32). Ambos dedicaram grande parte da vida tentando demonstrar que a partir do momento em que os homens inventaram um mundo ideal, privaram a realidade de seu valor.

Após algumas análises, somos capazes de compreender uma frase chave de Zaratustra na passagem “Do ler e Escrever”, que diz o seguinte: “de tudo escrito, amo apenas o que com o próprio sangue se escreve” (...) “não é coisa fácil compreender o sangue alheio” (NIETZSCHE, 2011, p. 40). Trata-se de uma forma velada de dizer que através de *Assim Falou Zaratustra* Nietzsche estava se doando, isto é, doando sua própria história de vida. Escreve com sangue, isto é,

se queres fazer algo que eleve o homem, dê exemplo através de seus próprios atos.

Também em *Ecce Homo* o filósofo diz que só podemos compreender algo, se já estivermos vivido, como por exemplo no caso de um “livro que se refira a fatos que estejam completamente fora de uma experiência frequente ou mesmo rara” (NIETZSCHE, 2002, p. 68), não seríamos capazes de entender muito do que o autor realmente queira repassar através deste livro. Marton (1990) corrobora com a afirmação, ao dizer que, só podemos comunicar o que sentimos a alguém, se este já passou por tal vivência a qual fomos submetidos, caso contrário, tentar comunicar algo peculiar somente a si não fará com que outrem apreenda o todo com precisão.

A obra *Assim Falou Zaratustra* não é muito simples de ser compreendida com exatidão pois, somente quem viveu realmente tudo isso será capaz de compreendê-la. Ainda de acordo com Marton (1990): “para existir comunicação, não basta utilizar as mesmas palavras; é preciso comungar as mesmas experiências” (MARTON 1990, p. 183).

Quando Nietzsche diz: “eu sou uma coisa, outra é minha obra” (NIETZSCHE, 2002 p. 67), inferimos que trata-se de uma tentativa de ludibriar seus leitores. À primeira vista parece haver uma contradição entre o filósofo e o personagem Zaratustra, porém Nietzsche trata de mostrar a similaridade entre ambos no item 4 da página 80 de *Ecce Homo*, ao escrever que nos trechos mais importantes da sua obra *Wagner em Bayreuth* pode-se substituir o nome de Wagner por seu próprio nome ou o nome de Zaratustra.

Nietzsche, filho e neto de pastores protestantes, viveu no começo de sua vida sob os valores cristãos. Zaratustra não condena os “doentes” pois, ele

próprio, que é a personificação das “Metamorfozes do Espírito”, também já fora metafísico, até conseguir superar-se.

Assim também eu, outrora, projetei minha ilusão para além do homem, tal como todos os ultramundanos (...) que aconteceu meus irmãos? Sofredor, superei a mim mesmo, levei minha cinza para o monte e inventei para mim uma chama mais clara. E o fantasma desapareceu (MACHADO, 2011, p. 40, apud NIETZSCHE, 2011, p. 31).

Zaratustra não voltou ao meio dos homens para pregar uma nova crença, mas sim mostrar uma nova forma de viver. Diferente do lema que desde Sócrates ganhou força no meio filosófico que dizia que a verdadeira vida filosófica seria viver como se pensa, Nietzsche acha importante pensar como se vive pois, “o pensamento é vida e a vida é pensamento, assim como a escritura não é algo diferente da vida, mas é outra configuração da mesma” (BARROS, DIAS, VANDERLEI, 2011, p. 20).

Podemos perceber através de nossa pesquisa, que o ponto mais elevado tanto na vida do filósofo Nietzsche quanto na de sua personagem Zaratustra é a vontade de poder. Vontade que impele a expandir-se, a derrubar ídolos, quebrar todas as tábuas dos valores metafísicos com um martelo. Devemos notar que Zaratustra é isso. Em sua peregrinação atrás do melhor dos homens conhece o consciencioso do espírito, o último Papa, os Reis, o feiticeiro, o adivinho, o homem mais feio, até chegar à conclusão que todos são iguais. Ninguém vive verdadeiramente a vida. Todos estão dormindo, todos estão apegados de mais a falsos valores.

1.4 Considerações sobre o Pensamento nietzschiano

Não por acaso Nietzsche ocupa um lugar de destaque no rol dos pensadores mais lidos no ocidente, seu pensamento suscita ainda muita curiosidade nos dias atuais, através das interpretações de seus escritos. Sua obra mais substancial, densa e ainda assim mais lida é o livro *Assim Falou Zaratustra* – talvez até mesmo por diferenciar-se de outros escritos filosóficos pela rejeição ao modelo sistemático e argumentativo, que se fazem presente nos livros convencionais de filosofia – tratado pelo próprio artífice como sua obra prima ou o livro mais profundo que a sociedade já fora brindada – um livro para todos e para ninguém – já que de acordo com ele qualquer um pode lê-lo, porém uma compreensão efetiva e aprofundada já dependerá de um esforço bem maior, obtido através de uma interpretação feita com muito cuidado e afinco para que não se cometa nenhuma injustiça ou arbitrariedade. Nietzsche escreve por aforismos, geralmente curtos, fragmentários e assistemáticos.

Este escrito possui uma linguagem rebuscada, é metafórica, flexível, bastante audaciosa, uma obra que ele diz aguentar-se absolutamente por si mesma. Podemos assim dizer que a relação que se estabelece entre o autor e seus leitores é uma relação de amor e ódio: ou ama-se seus escritos ou os odeia. Porém não se pode ler e permanecer neutro.

Exigir “decisões”: talvez seja este um dos aspectos principais do *Zaratustra*, a partir do ponto de vista de seu caráter de obra transformadora. Porque é certo que não se pode lê-lo sem experimentar transformações, sem sentir a necessidade de “revisar” atitudes, valores, hábitos, posições, seja para criticá-las, seja para afirmá-las. Por meio dele, a provocação: a reprovação ou adesão, mas quase impossível é a indiferença. Porque não se pode permanecer indiferente quando se questionam os valores que constituem a própria cultura e a forma de ser, não se pode permanecer indiferente quando ao filósofo o chama de “híbrido de planta e fantasma”, ao homem da ciência, “consciencioso do espírito”, ao homem religioso, “tuberculoso da alma”. Não se pode permanecer indiferente porque o texto aponta como uma arma, o texto ataca e busca ferir, o texto é um instrumento de combate, quer destruir e aniquilar. Há algo para se destruir: a decadência, a enfermidade. Há inimigos, a escritura é também uma estratégia de combate (BARROS, DIAS, VANDERLEI, 2011, p. 19).

Trata-se, por tanto, de uma obra que nos toca, de forma positiva ou negativa. São textos para nos deleitarmos numa forma de introspecção, como gotas homeopáticas de conhecimento a serem desveladas gradativamente, de acordo com a leitura. No entanto, é de suma importância que não a confundamos como uma autoajuda, já que o segredo é não encará-la como um manual com regras de como viver para ser feliz. O que Nietzsche pretende é um desafio. Desafiar-nos a viver de uma forma tal e exigir decisões, porque só assim será possível o entendermos. Mas o certo é que realmente não tem como apenas lermos sem nos transformarmos, sem sentir a necessidade de revisar nossas atitudes, valores, hábitos e posições.

Nietzsche utiliza-se de uma linguagem toda metafórica e enigmática para introduzir nesta obra os principais conceitos de sua filosofia a partir de sua perspectiva niilista. *Assim Falou Zaratustra* possui um estilo que avizinha-se mais a uma narrativa literária do que propriamente a uma obra filosófica convencional: nas suas palavras ele representa “um ditirambo à solidão” (NIETZSCHE, 2002, p. 47), portanto deve ser compreendida mais como um musical.

Poderia talvez considerar-se como música todo o Zaratustra; - era de certo um renascimento na arte de ouvir, uma condição prévia para tal. Numa pequena estância termal em plena montanha, Recoaro, não longe de Vicenza, onde passei a primavera de 1881, descobri, juntamente com meu maestro e amigo Peter Gast, também ele um <<renascente>> que a fênix musical voava sobre nós com uma plumagem mais leve e mais colorida do que alguma vez se mostrara (NIETZSCHE, 2002, p. 74).

Machado (1997) mostra-se de acordo com esta opinião, ao corroborar tal afirmativa, pensando a obra como possuidora de um ar trágico grego, usado como um canto para fugir da racionalidade convencional, sistemática, teórica da Filosofia. Ele considera-a o ápice da filosofia nietzschiana. Nietzsche utiliza uma forma de expressão artística, mais precisamente, uma linguagem poética

construída de forma narrativa e dramática. “*Assim Falou Zaratustra* – o maior presente até agora dado à humanidade, na visão de seu imodesto autor – uma filosofia trágica (MACHADO, 1997, p. 32).

Porém, não diferente da maioria de seus escritos, o filósofo alemão promove um ataque à Metafísica dogmática⁶, impondo uma troca de tudo que é ideal pelo real, salientando a necessidade de devolver o valor à vida temporal, ao mundo sensível. Tal valor segundo Nietzsche, retirado pelos metafísicos e depositado em um mundo fictício, suprasensível e eterno, já que o mundo sensível representa para eles apenas sofrimento, pois “para quem sofre é alegria inebriante desviar seus olhos do sofrimento e esquecer” (NIETZSCHE, 2012, p. 36).

Nesse caso, o filósofo propõe uma ruptura no modo de pensar ocidental, principalmente ao que concerne à religião, mais especificamente à Religião Cristã, por ela estar contaminada, desde suas raízes mais profundas, da mais pura Metafísica, a qual representaria, segundo o entendimento do mesmo: um “platonismo para povo” (NIETZSCHE, 2001, p.31). Mostra-se importante sua conclusão de que a Religião Cristã representaria uma cultura que possui como cerne o fato de perder a realidade de vista para comprometer-se com ideais. Segundo Machado (1997), é em *Assim Falou Zaratustra* – que inaugura o terceiro e último período da filosofia nietzschiana – que Nietzsche atinge sua maturidade intelectual.

Outras análises são conferidas ao seu modo de filosofar como, por exemplo, “a filosofia da suspeita”, “a filosofia da afirmação”, “o filósofo da morte de Deus”. Contudo, ao analisarmos por outro ângulo podemos dizer que se trata

⁶ Cf. MARTON, Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos, p.162. GIACOIA, Nietzsche: o humano como memória e como promessa, p.209.

de uma “filosofia da tensão” e que, se faz urgente deixar claro a imprescindibilidade de uma transvaloração⁷ de todos os valores que nos foram impostos até hoje, criados por uma horda de homens doentes e fracos, onde imperou uma moral de escravos – “o que acontece aí de fato? Acima de tudo é um gosto nobre que é derrotado” (NIETZSCHE, 2009, p. 34) – para se fincar uma moral aristocrática, a moral do homem sadio e forte e a consecução de um espírito ou pensamento livre de toda metafísica dogmática.

Com isso podemos afirmar então que Nietzsche assume uma posição bastante radical em relação à tradição do pensamento filosófico ocidental, visando conseguir superar a Metafísica, dando uma nova cara à forma de se fazer filosofia. Consoante Barros, Dias, Vanderlei (2011), o empreendimento de Nietzsche é um ambicioso, polêmico e ousado projeto de desconstrução do parâmetro com o qual a tradição filosófica alicerçou e arquitetou a história do seu pensamento. Ele usou isso como uma forma de denunciar e evidenciar a difamação da vida promovida e difundida por meio da crença em ideais ultraterrenos.

Vemos como necessário, por intermédio de nosso exame, deixar claro a grande relevância de uma vontade, não de uma simples vontade qualquer, mas da vontade de potência⁸, apresentada como uma lei fundamental da vida, uma vontade de ser senhor de si mesmo e de tudo quanto lhe for estranho. No entanto, procede mal quem cai no erro de interpretar tal vontade como algo absoluto, uma força com a capacidade de dominar tudo, pois trata-se de uma força composta por uma pluralidade de outras forças e que age em tudo que acontece no mundo. As forças afirmativas estabelecem um embate permanente com as forças reativas.

⁷ Cf. MARTON, Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos, p.163.

⁸ Cf. AZEREDO: Nietzsche e a aurora de uma nova ética, p. 60.

Na obra utilizada como base teórica para nossos estudos, Nietzsche lança mão da figura de sua personagem fictício, o profeta Zaratustra, para investir contra a metafísica no seio de suas instituições “sagradas”, como a Igreja que, enquanto instituição metafísica é uma castradora de desejos, o pensamento socrático-platônico e o cristianismo. Além do mais, procura deixar claro que ambos desvalorizam o mundo sensível e valorizam excessivamente um mundo fictício, negam o corpo em detrimento à alma, negam ainda as paixões em detrimento da razão.

Para a Igreja o remédio para a paixão é a eliminação em todos os sentidos: sua prática, sua “cura”, é a castração. Ela nunca pergunta: Como se pode espiritualizar, embelezar, divinizar um desejo?” – Tudo o que sempre fez foi dar ênfase à disciplina, ela pôs a ênfase da disciplina na extirpação (da sensualidade, do orgulho, da ânsia de poder, da avarizia, do desejo de vingança). – Mas, atacar as raízes da paixão é o mesmo que atacar as raízes da vida: a prática da Igreja é danosa à vida. (NIETZSCHE, 2009, p. 50)

O certo é que Nietzsche nos apresenta neste escrito, todo o dinamismo de uma filosofia potente, baseada em valores afirmativos criados pelo homem, não como parte de uma natureza humana, mas sim o homem como ser individual. Conforme seu entendimento, não existe uma separação entre o ser e o pensar pois pensa-se como se vive, deste modo, “não ter fé em qualquer pensamento que não tenha surgido ao ar livre, e em plena liberdade de movimento” (NIETZSCHE, 2009, p. 52-53).

Ao investir contra a Metafísica, torna-se impreterível a obrigação da demonstração de que os verdadeiros valores são imanentes e, que assim sendo, fica claro que é o próprio homem quem lhes concede a validade. É notório assim um racha com a tradição que insinuava que os valores verdadeiros estariam em outro mundo.

CAPÍTULO II

AS TRANSMUTAÇÕES DO ESPÍRITO

2.1 Metamorfose e vida

Na primeira parte do livro Assim Falou Zaratustra, nos deparamos com a passagem intitulada “Os Discursos de Zaratustra”, na qual Nietzsche apresenta o que denominou de “Das Três Metamorfoses”. De acordo com filósofo, o espírito passaria por um total de três transformações até que pudesse libertar-se, isto é, até tornar-se um espírito livre. Estas iniciariam com a besta de carga que tudo carrega em suas costas e que, ainda por cima, se compraz com tudo isso, passando pelo leão, que representa o espírito forte, mas que ainda mantém-se preso a ideais, até o espírito leve da criança, que vive o jogo da vida conforme suas próprias regras. A criança é, portanto, simultaneamente jogadora e juiz desse jogo de dados da existência.

Nietzsche escreve o seguinte: “Três metamorfoses do espírito menciono para vós: de como o espírito se torna camelo, o camelo se torna leão e o leão, por fim, criança” (NIETZSCHE, 2011, p. 27).

A alegoria das metamorfoses do espírito representa, de acordo com nosso entendimento, uma síntese não apenas de todo o ensinamento empreendido por Nietzsche, através da personagem do profeta Zaratustra na obra em questão, como também a síntese de todo o pensamento afirmativo da filosofia nietzschiana. Na seção intitulada “Das três metamorfoses” (NIETZSCHE, 2011, p.

27), podemos relacionar os principais conceitos de sua Filosofia, como por exemplo: o “nihilismo”, “transvaloração de todos os valores”, “eterno retorno”, a “vontade de poder”, “amor fati” e o “super-homem”, sendo que este último, segundo nossa análise deveria surgir durante a última metamorfose do espírito, isto é, no estágio da criança.

Azeredo (2008), ao tomar a perspectiva das metamorfoses do espírito como referentes à alternâncias do modo de interpretar o ser, o conhecer e o agir, ver surgir um problema: tal discurso representaria portanto um novo ideal. As metamorfoses referir-se-iam deste modo a uma evolução, partindo do camelo até o último estágio, representado pela criança. A criança, neste caso representaria um fim.

A exposição de Nietzsche, tomada sob o aspecto do sentido das transmutações do espírito como alternância das interpretações do ser, do conhecer e do agir, suscita a ideia de uma evolução, de passagem de um estágio a outro. O primeiro estágio seria a completa determinação do camelo; o segundo, a autonomia do leão e o terceiro, a inocência da criança (AZEREDO, 2008, p. 146).

Porém, se partirmos deste pressuposto, somos quase que forçados a concordar que Nietzsche deu um tiro em seu próprio pé. Seria uma contradição grotesca, difícil até mesmo de ser pensada: que irônico! Utilizar-se de ideais para atacar os ideais. Porém, as metamorfoses do espírito não representam uma evolução no sentido darwiniano. É o próprio filósofo que corrobora com esta questão ao afirmar no capítulo III de *Ecce Homo* (Por que escrevo livros tão bons) que, por intermédio da introdução da palavra super-homem alguns “sábios” enganaram-se considerando-o “darwinista” (NIETZSCHE, 2002, p. 69).

Nietzsche não acredita na existência de uma evolução humana no sentido de uma perfeição. Segundo o filósofo, se tal fosse verdade, os homens modernos

seriam bem melhores que os da Renascença. No entanto, conforme sua análise, o homem moderno apresenta apenas uma constituição diferente que mais avizinha-se a uma decadência, mas jamais um progresso em relação ao homem do período Renascentista.

Azeredo (2008) ainda levanta a possibilidade de “As Metamorfoses do Espírito” referir-se à momentos do espírito na história do pensamento filosófico, na qual Sócrates/Platão simbolizariam o camelo ou a heteronomia; Descartes/Kant, o leão, figurando a autonomia legisladora e finalmente, Nietzsche expressaria então a criança, na qual o que prevaleceria seria um para-além das demais perspectivas. Tomando por base nossas análises, podemos atribuir às metamorfoses do espírito o que chamaremos de um “círculo da tensão de forças”.

A figura circular possui um significado bastante enigmático e importante no pensamento de Zaratustra, o que podemos visualizar em algumas passagens como por exemplo, no item 10 do prólogo quando o profeta cita que “uma águia fazia vastos círculos no ar, e dela pendia uma serpente, não como uma presa, mas como uma amiga: pois estava enrodilhada em seu pescoço” (NIETZSCHE, 2011, p. 26); em “Da Visão e do Enigma”, na qual o anão diz que “o próprio tempo é circular” (NIETZSCHE, 2011, p. 148); no item 11 “O Canto Ébrio” no qual ele menciona que o prazer peleja a vontade do anel (NIETZSCHE, 2011 p. 306-307), além do item 12 do mesmo capítulo no qual faz menção da canção de roda de Zaratustra chamada “Outra vez”, cujo sentido é “Por toda Eternidade” (NIETZSCHE, 2011, p. 307).

Então, chegamos assim, a conclusão de que neste “círculo da tensão” os estágios ocorrem simultaneamente. Existe a tensão entre o camelo, o leão e a criança. A criança cria seus próprios valores, porém é necessário a força e

coragem do leão para não deixar esses valores tornarem-se ideais, pois assim sendo, faria com que esta regredisse ao estágio do camelo.

2.2 Primeira Metamorfose: O Espírito Camelo

Nietzsche apresenta na primeira metamorfose, o espírito enquanto camelo. Podemos já de antemão fazer uma análise sobre a significação característica deste estágio em seu pensamento: o homem se compraz em carregar o fardo cada vez mais pesado de sua existência sem se quer questionar o porquê.

Há muitas coisas pesadas para o espírito, para o forte, resistente espírito em que habita a reverência: sua força requer o pesado, o mais pesado. O que é mais pesado? Assim pergunta o espírito resistente, e se ajoelha, como um camelo, e quer ser bem carregado. O que é mais pesado, ó heróis? Pergunta o espírito resistente, para que eu o tome sobre mim e me alegre de minha força (NIETZSCHE, 2011, p. 27).

Na mitologia grega existe o mito de Atlas. Atlas era um titã que, ao participar de uma batalha na companhia de outros titãs contra Zeus, recebeu deste uma punição após ser por ele derrotado. A punição infligida a Atlas por Zeus consistia em sustentar eternamente o peso do mundo sobre seus ombros.

Na mitologia grega, o titã Atlas foi atirado por Zeus no mais profundo dos mundos inferiores, o Tártaro, e condenado a sustentar o peso do céu eternamente sobre os ombros. O castigo dado ao irmão de Epimeteu representa mitologicamente todo o esforço que Atlas – mesmo sendo um ser monstruoso e gigantesco – empenha em sustentar o globo terrestre eternamente, visto aqui como um objeto de tortura (CIQUINI, 2013, p. 1179-1180)

Bom, nesse caso, devemos salientar que, Atlas recebeu esta punição como castigo. Se intencionarmos fazer uma analogia entre Atlas e o homem da primeira metamorfose, isto é, o espírito enquanto camelo, tal intuito deve encerrar-se aqui mesmo. Este também carrega o peso do mundo em suas costas, porém um

detalhe nem um pouco imperceptível o distingue daquele: ele alegra-se com isso tudo. O espírito enquanto camelo sente-se satisfeito com a singular “missão” e ainda assim sente necessidade de carregar o peso. “Isso porque carrega nos ombros muitas coisas alheias. Tal como o camelo, põe-se de joelhos e deixa que o carreguem bastante” (NIETZSCHE, 2011, p. 184).

Nossa curiosidade nos impele a imaginar de que peso o filósofo fala. A que peso ele se refere? Na nossa interpretação, vemos aí uma clara alusão aos valores impostos pela tradição filosófica e pela moral religiosa cristã. São valores como por exemplo o bem e o mal, verdadeiro e falso, certo e errado.

Quase no berço já nos dão pesados valores e palavras: “bem” e “mal” – é como se chama esse dote. Por causa dele nos perdoam que vivamos. E deixam que vão a si as criancinhas, a tempo de impedir que elas amem a si próprias: assim dispõe o espírito de gravidade⁹. E nós – carregamos fielmente o que nos dão em dote, em duros ombros e por ásperas montanhas! E, se suamos nos dizem: Sim, a vida é um fardo!” (NIETZSCHE, 2011, p. 184).

Zaratustra ao final de sua peregrinação – que inicia-se com sua descida da caverna do alto da montanha, na qual convivera por dez anos de sua vida, isto é, dos trinta aos quarenta anos de idade – após analisar todos os homens considerados grandes: os reis, o último papa, o mais feio dos homens, o mendigo voluntário, feiticeiro – chega à conclusão de que não existe e nunca existiu um além do homem, haja visto que este não representa um estado de ser, ele é bem mais: é uma atitude. Zaratustra percebe que o homem moderno necessita de alguém para lhe dar ordens, alguém que lhe diga o que deve ou não fazer.

O homem encontra-se sufocado sob a fórmula geral que funciona como base de toda moral e religião, que alude a um imperativo que nada mais é do que um “faça isso e aquilo, não faça isso e aquilo” – assim será feliz! Senão...

⁹ Cf. MACHADO, Zaratustra, tragédia nietzschiana, p.57.

(NIETZSCHE, 2009, p. 58). Tal imperativo, que funcionaria mais como uma máxima reguladora, seria utilizado para nortear e controlar todas as ações humanas. Marton (1990), partindo da ótica nietzschiana, percebe que cada vez mais impõe-se, nos tempos modernos, uma tendência a suprimir toda a diferença e manter-se a uniformidade. A modernidade manteve o homem sob regras, normas de conduta, leis, resultantes da experiência coletiva. Este apenas as segue, sem questioná-las, sem problematizá-las.

O espírito enquanto camelo é regido pelo imperativo “tu deves”, e ao tomar como virtude o que é comum a vários ou quem sabe a todos os homens, estabelece um nivelamento por baixo. O tu deves corresponde ao instinto de decadência transformado em imperativo, uma moral antinatural, voltada para a tentativa de criar-se um tipo ideal de homem, pautando dessa forma, sua vida em valores morais que representam uma negação da vontade de viver.

Na obra, o “tu deves” ou “não farás”, dependendo de cada tradução, é representado por um dragão repleto de escamas de ouro. O dragão diz o seguinte:

“Todo o valor das coisas brilha em mim”.

“Todo o valor já foi criado, e todo o valor criado – sou eu. Em verdade não deve mais haver ‘Eu quero!’” Assim fala o dragão (NIETZSCHE, 2011, p. 27).

Quando tomamos as metamorfoses como momentos do espírito na história do pensamento filosófico, a dupla Sócrates/Platão¹⁰ é a grande representante deste período. Platão, ao usar Sócrates como uma semiótica sua, criou a teoria das ideias, partindo do pressuposto de que existiriam dois mundos, o verdadeiro representado pelas essências perfeitas e imutáveis, inalcançável pelo homem comum, acessível somente aos deuses e apenas a alguns homens; e sua cópia

¹⁰ Cf. NIETZSCHE, Crepúsculo dos ídolos, ou como filosofar com o martelo, p.32.

imperfeita, tão-somente uma aparência enganosa dos sentidos, correspondentes a uma mera cópia imperfeita.

Marton (1990) explica que, para Nietzsche, tal distinção trata-se de uma invenção dos metafísicos por não tolerarem o mundo em que vivem acabaram criando um mundo fictício: “Esse defeito de ótica leva-os a postular a existência de leis, relações causais e necessárias e até substâncias; mas explica-se pelo fato de lhes ser intolerável o mundo em que vivem” (MARTON, 1990, p. 177). Ao que Nietzsche postula: mas “aquele mundo está bem escondido dos homens, aquele desumano mundo inumano, que é um celestial nada” (NIETZSCHE, 2011, p. 32). A tal mundo, segundo Nietzsche, não poderíamos sequer chamar de mundo dos sonhos, visto que, este ao menos reflete a realidade, já aquele apenas falsifica-a, desvaloriza-a e a degenera.

Nietzsche via com maus olhos os homens considerados sábios e grandes antes dele. Via-os como enfermos, como bufões. Para ele o “maior de todos”, isto é Sócrates, bem como os demais fizeram o mesmo juízo da vida: ela não valia nada. O que nos leva a perceber, não apenas um aborrecimento, mas também um cansaço e desvalorização de Sócrates perante à vida. Antes de morrer Sócrates lançou esta frase: “viver é estar há muito tempo enfermo, devo um galo a Esculápio o libertador” (NIETZSCHE, 2009, p. 31).

Uma tentativa de domesticação do homem, da qual resultou em seu adoecimento, iniciou-se com Sócrates e fora aperfeiçoado pelo cristianismo. Sócrates era um moralista. Ao tentar-se moralizar o homem tornou-o um doente, como Zarathustra indica mais ostensivamente em duas passagens, fazendo uma ligação entre a besta de carga e o ressentimento: “O Sábio da Cátedra da Virtude” e o “Pálido Criminoso”.

Com Sócrates, houve uma inversão dos verdadeiros valores. Antes dele, no período Helênico, o forte, o bom, o nobre eram sinônimos, porém, ao se introduzir a ideia de dualidade de mundos, a qual traduziu este mundo como uma cópia imperfeita de um verdadeiro mundo, prevaleceu assim dessa forma, uma “moral de escravos”, isto é, o conceito de bom passa a ser ditado pelo homem pequeno, o homem da “virtude que apequena”. “Por tempo demais se deu razão às pessoas pequenas: assim foi lhes dado, enfim, também o poder – e agora elas ensinam: ‘Bom é apenas o que as pessoas pequenas dizem ser bom’” (NIETZSCHE, 2011, p. 251).

Nietzsche reporta-se ao cristianismo como a transvaloração de todos os valores arianos, como símbolo do triunfo dos valores chandalas¹¹. Trata-se portanto, do evangelho pregado aos pobres, aos baixos, nele figura uma revolta geral de todos os pisoteados, miseráveis, malogrados e desfavorecidos contra “a raça”. Com ele segundo o filósofo, a vingança da chandala surge como religião do amor.

Machado (1997) nos informa que Nietzsche abomina até mesmo o símbolo cristão da cruz, por interpretá-lo como uma divinização da morte, na qual o Deus na cruz representaria muito mais uma maldição contra a vida do que uma glorificação.

O ideal ascético da moral, considerando a vida um erro, nega-a e faz dela uma ponte para outra vida, a vida verdadeira. Daí Nietzsche não perdoar Sócrates por ter dito na hora de morrer que viver significa estar doente e que morrer seria a cura da doença que é vive. Daí Nietzsche também abominar o símbolo cristão da cruz por interpretá-lo como uma divinização da morte: ‘O Deus na cruz é uma maldição contra a vida, um convite a dela se redimir’ (MACHADO, 1997, p. 67).

¹¹ Ibidem, p.73

Partindo deste fato, ele outorga tanto a Sócrates quanto a Cristo dois dos maiores crimes da história contra a humanidade. Segundo o filósofo do martelo, a morte de ambos alude a dois suicídios. Na sua visão, os dois representam signos da passividade humana perante à morte, covardia frente aos problemas cotidianos da vida humana. Santificando-os, glorifica-se a morte em detrimento da vida.

O homem moderno encontra-se achatado por uma carga pesadíssima sobre suas costas. Nele, por intermédio da cultura e da moral religiosa, suscitou uma fantasia de só conseguir-se ter paz se ficar remoendo o passado arrependido do que fez, ruminando igual vaca. E é aí que vemos surgir o conceito de ressentimento para Nietzsche, isto é, sofrimento, a cada ruminação ele volta a sentir tudo novamente. Conforme Giacoia (2013) o ressentimento age como uma vingança, fazendo o homem sentir novamente, assumindo uma espécie de modalidade culpada, biliosa, contaminada de ascetismo em sua totalidade, que adocece e destrói. Nas palavras do sábio da cátedra das virtudes, “dez vezes é preciso reconciliar-te contigo mesmo, pois superação é amargura, e dorme mal o não reconciliado” (NIETZSCHE, 2011, p. 29).

Também o que podemos notar é que, quando o homem passou a viver sob as leis e normas de convívio em sociedade, estabelecidas através de relações contratuais, não pode mais dar livre curso aos seus instintos vitais e assim, fora como que forçado a internalizá-los. Desta internalização, fez suscitar em si o que Nietzsche chamou de “má consciência”. Assimilamos que no pensamento Nietzscheano, o conceito de má consciência está intimamente ligada ao ressentimento.

A tradição cultural, principalmente a alemã e a Igreja, buscaram criar uma forma ideal de homem, isto é, a ideia de “homem racional”. Porém, ao

estabelecerem esta forma, não levaram em consideração o fato de que o homem não é apenas razão, como qualquer outro animal, ele também possui instinto, desejos e paixões: “De natureza híbrida, o ser humano revela-se dotado de razão e sensibilidade, não podendo desfazer-se em vida de nenhuma delas” (MARTON, 1990, p. 111).

Ao produzirem no homem a falsa consciência de que é errado e vergonhoso sobrepor os instintos à razão, ele acaba interiorizando-os. A partir de tal ponto, conseguem fazer do homem “o animal mais falhado, o mais doente, o mais perigosamente desviado dos seus instintos” (NIETZSCHE, 2010, p. 12).

Na outra passagem em que toca-se bem mais forte o conceito do ressentimento – “Do Criminoso Pálido” – Zaratustra discorre sobre o ressentimento e suas causas. Segundo o profeta, o crime pior não fora a ação cometida e sim a condenação que a consciência imprime ao autor. O homem moderno não consegue redimir sua vontade, este é um fardo muito pesado para o mesmo, já que não consegue querer para trás, isto o entristece.

Uma imagem fez empalidecer esse homem pálido. Ele era da mesma altura de seu ato, quando o realizou; mas não lhe suportou a imagem depois de realizado. Desde então sempre se viu como autor de um único ato. A isso chamo de loucura: a exceção se converteu em essência para ele. O traço no chão enfeitiça a galinha; o golpe que ele cometeu enfeitiçou sua pobre razão – a isso chamo de loucura após o ato. Escutai, ó juízes! Há ainda uma outra loucura: aquela antes do ato. Ah para mim não desceste fundo o bastante nessa alma! Assim fala o juiz vermelho: “por que, afinal, esse criminoso matou? Ele queria roubar”. Mas eu vos digo: sua alma queria sangue, não roubo: ele ansiava pela felicidade da faca! Mas sua pobre razão não compreendeu essa loucura e o persuadiu. “Que importa o sangue?”, falou; “não queres ao menos praticar um roubo ao mesmo tempo? Tirar vingança?” “E ele deu ouvidos à sua pobre razão: as palavras desta lhe pesaram como chumbo – então ele roubou ao matar. Não queria se envergonhar de sua loucura. Agora o chumbo de sua culpa volta a pesar sobre ele, e novamente sua pobre razão está rígida, paralisada, pesada. Se apenas pudesse sacudir a cabeça, seu fardo rolaria abaixo: mas quem sacode essa cabeça?” (NIETZSCHE, 2011, p. 38).

Percebamos que, a consciência, nas passagens acima, nos remete à figura de um juiz bastante cachia que nos condena. Tal enunciado situa a virtude do homem moderno como uma espécie de imperativo que nos impele a nunca fazer algo contrário ao estabelecido, tanto pela tradição quanto pela moral religiosa – “consideramos ainda, por fim, que ingenuidade é dizer ‘assim e assim deveria ser o homem’” (NIETZSCHE, 2009, p. 54). A própria Igreja atribui ao ato contrário aos seus ensinamentos (leia-se imposições) a ideia de pecado. Já pela ótica da moral vigente, da tradição, atribui-se ao homem alguns rótulos, como por exemplo, insano, imoral, e muitos outros adjetivos pejorativos.

Já para Nietzsche, ser virtuoso é criar seu próprio imperativo, trilhar seu próprio caminho através de tudo que aumenta sua vontade de poder. Com ela, a vida ganha o aspecto de instinto para o crescimento pessoal, para expansão do poder. Porém quando ocorre seu contrário, isto é, quando no homem falta esta, o desastre é inevitável, o homem abraça-se à decadência.

O que é bom? – tudo que aumenta, no homem, a sensação de poder, o próprio poder.
O que é mau? Tudo que se origina da fraqueza.
O que é felicidade? – a sensação de que o poder aumenta – de que uma resistência foi superada. (NIETZSCHE, 2002, p. 4)

Concebemos a vontade de poder como algo que eleva o homem à uma afirmação de si, à uma expansão imediata. Para Marton (1990), a vontade de poder caracteriza-se como uma vontade orgânica, sendo que, está presente em todos os seres vivos, é própria não unicamente do homem.

Esta vontade exerce-se principalmente ao encontrar barreiras ou resistências. No homem nobre, forte, aristocrata, os obstáculos enfrentados por ela constituem um estímulo. No escravo, isto é, no oposto do nobre, ela tem efeito contrário. Ao encontrar-se um impedimento, isto é, um constrangimento por

valores externos a si ao que respeita à sua vontade de poder, ele internaliza-a, fazendo suscitar uma vontade de vingar-se. Os metafísicos, ao não conseguirem lidar com sua vontade de poder, acabaram vingando-se deste mundo, criando um outro a que chamaram de “o verdadeiro mundo”.

Deleuze (1976) afirma que o conceito de vontade de poder para Nietzsche, concerne a uma força vitoriosa entremeada de um querer interno, através da qual os físicos criaram Deus e o universo. Ela é portanto, uma força conjugada com algo interno. Dessa força não podemos dizer que ela seja quem quer, isto podemos afirmar apenas da vontade de poder. Nela, a força permanece em uma relação essencial. Na vontade de poder mantém-se um conflito permanente entre as forças, e sua natureza é constituída pela síntese destas.

Isso causa um arranjo de diversos elementos, de forma que suas atividades se integram. Relações de interdependência determinam-se, uns submetem-se a outros, que por sua vez acham-se subordinados a outros ainda. Porém chega o momento que o homem toma consciência desses arranjos e decide não mais viver assim, ou melhor dizendo:

Todas essas coisas mais que pesadas o espírito resistente toma sobre si: semelhante ao camelo que ruma carregado para o deserto, assim ruma ele para seu deserto. Mas no mais solitário deserto acontece a segunda metamorfose: o espírito se torna leão, quer capturar a liberdade e ser senhor em seu próprio deserto. Ali procura seu derradeiro senhor: quer se tornar seu inimigo e derradeiro deus, quer lutar e vencer o grande dragão (NIETZSCHE, 2011, p. 28.)

No pensamento de Zaratustra, como veremos mais adiante, o deserto tem uma importância enorme. Na simbologia encontrada na obra, o deserto, o mar e a densa floresta a que se refere no item 8 do prólogo – “mas ao alvorecer Zaratustra se achou numa densa floresta, em que não enxergava mais nenhum caminho” (NIETZSCHE, 2011, p. 22) –, interligam-se por terem um só e mesmo significado: o vazio de valores metafísicos. Agora o homem encontra-se sozinho,

sem nenhum ideal que possa usar como “muleta”, nada para se agarrar: “veraz – assim chamo aquele que vai para o deserto sem deuses e que partiu seu coração venerador” (NIETZSCHE, 2011, p. 98).

É, portanto, a partir da representação do nada que as maiores transformações verificam-se no homem, “as palavras mais quietas são as que trazem a tempestade. Pensamentos que vêm com pés de pomba dirigem o mundo” (NIETZSCHE, 2011, p. 140). Portanto, a primeira metamorfose é uma sujeição à obediência, o peso de carregar os pesos nas costas, mas além de tudo, uma resistência necessária para passar para um novo estágio. A figura do camelo simboliza pois, inúmeras formas de ascetismos praticados pela humanidade ao longo do tempo, das quais, foram responsáveis por determinar o seu caráter.

2.3 Segunda Metamorfose: O Espírito Leão

Se, de acordo com a representatividade da primeira transmutação, o camelo tem ligação direta com um espírito de carga, isto é, aquele que carrega todo peso moral da existência, o leão por sua vez simboliza o desvencilhar do peso do fardo. O leão em si representa a busca pela liberdade. Porém “não farás está em seu caminho, reluzindo em ouro, um animal de escamas, e em cada escama brilha um dourado ‘não farás’” (NIETZSCHE, 2011, p. 28). A metamorfose do camelo em leão ocorre no deserto, cabe a nós então, analisarmos o sentido que o deserto possui dentro deste contexto.

Nas divagações enigmáticas de Zaratustra, o significado de deserto confunde-se e funde-se primeiramente, ao nosso ver, com o da floresta: ele “enxergou a floresta e o silêncio e olhou dentro de si” (NIETZSCHE, 2011, p. 25).

Em nosso entender a floresta, assim como o deserto, simboliza a falta de um caminho preestabelecido, o homem se vê sob a necessidade de trilhar seu próprio caminho. Ele passa a ter consciência de que não existe alguém ou uma força capaz de dirigi-lo ao verdadeiro caminho, ao caminho “certo”.

A outra analogia ao deserto que ganha força na boca de Zaratustra é o mar. Devemos entender que quando o homem se lança ao mar não existe nenhum porto em que se apoiar – “não foram por água abaixo todos os corrimãos e passarelas? Quem ainda se agarraria a ‘bem’ e ‘mal’?” (NIETZSCHE, 2011, p. 191) –, além de que, representa o nada, o homem está largado sozinho à própria sorte, ou melhor, à própria competência e coragem. Zaratustra entende que o homem precisa atravessar o vazio de sentido, atravessar o mar de possibilidades para torna-se um criador, “de onde vem as mais altas montanhas? Perguntei certa vez. Então aprendi que vem do mar” (NIETZSCHE, 2011, p. 146).

O vazio de sentido, o nada, a qual nos referimos, Machado (1997) denomina-o de niilismo¹² da morte de Deus ou niilismo da modernidade. Deleuze (1976) postula além dessa forma de niilismo, mais três tipos distintos: niilismo negativo, ao qual o homem nega o mundo por valores transcendentais, e que apresenta uma dualidade de mundos – mundo imperfeito (este mundo) e um mundo perfeito e eterno; o niilismo passivo, no qual o homem faz a passagem da vontade de nada para o nada de vontade; e o niilismo ativo, considerada a espécie completa de niilismo, da qual o homem compreende que é necessário uma destruição plena da antiga forma homem, para que possa iniciar-se a transvaloração de todos os valores, e assim, aniquila-se portanto, o próprio niilismo dentro de si.

¹² Redução a nada.

Nietzsche não acredita e nem aceita que exista algo por trás do homem capaz de guiar o seu ser e seu agir. O homem moderno chegou ao limiar de um novo tempo, em que não mais acredita em valores metafísicos, ele tornou-se um pouco mais cético pois, “a força e a liberdade que surgem do vigor e da plenitude intelectual se manifestam através do ceticismo” (NIETZSCHE, 2002, p. 130). Nietzsche exprime isto de maneira mais esplêndida primeiramente no aforismo 125 da *Gaia Ciência*, intitulado “O Insensato”, no qual usa um louco como arauto do maior acontecimento que o homem poderia presenciar: Deus morreu.

Nunca ouviram falar desse louco que acendia uma lanterna em pleno dia e desatava a correr pela praça pública gritando sem cessar: ‘procuro Deus! procuro Deus!’ – como havia ali muitos daqueles que não acreditavam em Deus, seu grito provocou grande riso. ‘Estava perdido?’ – dizia um. ‘Será que se extraviou como uma criança?’ – perguntava o outro. ‘Será que se escondeu?’ ‘Tem medo de nós?’ ‘Embarcou? Emigrou?’ – assim gritavam e riam todos ao mesmo tempo. O louco saltou no meio deles e trespassou-os com o olhar. ‘Para onde foi Deus?’ – exclamou – ‘é o que vou dizer. Nós o matamos – vocês e eu! Nós todos somos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos esvaziar o mar? Quem nos deu uma esponja para apagar o horizonte? Que fizemos quando desprendemos esta terra da corrente que ligava ao sol? Para onde vai agora? Para onde vamos nós? Longe de todos os sóis? Não estamos incessantemente caindo? Para diante, para trás, para o lado, para todos os lados? Haverá ainda um acima e um abaixo? Não estaremos errando como num nada infinito? O vazio não nos persegue com seu hálito? Não faz mais frio? Não veem chegar a noite sempre mais noite? Não será preciso acender os lampiões antes do meio dia? Não ouvimos nada ainda do barulho que fazem os coveiros que enterram Deus? Não sentimos nada ainda da decomposição divina? Os deuses também se decompõem! – Deus morreu, Deus continua morto! E fomos nós que o matamos! Como haveis de nos consolar, nós, assassinos entre assassinos! O que o mundo possui de mais sagrado e de mais poderoso até hoje sangrou sob nosso punhal – quem nos lavará desse sangue? Que água nos poderá purificar? Que expiações, que jogos sagrados seremos forçados a inventar? A grandeza desse ato não é demasiado grande para nós? Não seremos forçados a nos tornarmos nós próprios deuses – mesmo que fosse simplesmente para parecermos dignos deles? Nunca houve ação mais grandiosa e aqueles que nasceram de nós pertencerão, por causa dela, à uma história mais elevada do que foi alguma vez toda essa história’. O insensato se calou depois de pronunciar estas palavras e voltou a olhar para seus ouvintes: também eles se calaram e o fitaram com espanto (NIETZSCHE, 2008, p. 149- 150).

Com essa passagem, o filósofo quer chamar atenção para o fato de que a ideia de Deus como fundamento moral e meta de tudo não mais faz sentido. A

partir daí, busca demonstrar sua forma que é a seguinte: os valores metafísicos não fazem mais sentido, portanto, a Metafísica está morta. Busca-se portanto, agora, a consolidação do real, isto é, um novo recomeço no qual o homem reaprenda a viver, aceitando a tragicidade da vida, celebrando a existência sem precisar seguir os dogmas que outrora o espírito do camelo carregou. A morte de Deus simboliza o fim do espírito do camelo.

Zaratustra, que de acordo com nossa forma de ver, representa a personificação das metamorfoses do espírito, simboliza o fim do seu modo de pensar metafisicamente, mais especificamente no item 9 do prólogo, ao estabelecer o seguinte: “e tu, meu primeiro companheiro, repousa em paz! Bem te sepultei em tua árvore oca, bem te escondi dos lobos” (NIETZSCHE, 2011, p. 24). Compreendemos que Nietzsche, neste trecho, quer demonstrar que Zaratustra enterra assim sua antiga forma de pensar e viver, que baseava-se, até então, em valores morais.

Alguns leitores confundem a passagem supra citada como uma exposição do ateísmo nietzschiano, porém, Giacoia (2013) localiza dentro do quadro da morte de Deus o esforço imprimido por Nietzsche na causa da superação da Metafísica, e além disso, citando Heidegger, procura deixar claro que Deus aqui não se refere ao sentido religioso e cristão da palavra. A palavra em questão refere-se à toda representação de ideal que prevaleceu desde Platão e fora fortalecida pelo cristianismo.

Neste estágio do leão, prevalece a autonomia do indivíduo, sendo que, o leão representa a força e a coragem para espantar o espírito do camelo. O homem não segue mais ordens de fora, ele passa a seguir a si mesmo, é capaz de dizer sim ou não quando achar necessário. O problema é que ele ainda não é

capaz de criar seus próprios valores, ele embora não saiba, continua regido por ideais.

O leão representa uma revolta contra o comportamento de submissão do camelo e contra o peso do dever assumido por este como seu. Antes de conseguir alcançar a liberdade, precisa ainda enfrentar seu derradeiro Deus e senhor, o dragão “tu deves”, que simboliza todos os valores milenares que oprimem o homem, sem que possam ser questionados. Então nesse caso, o dragão adversário do leão relaciona-se estreitamente à carga carregada pelo camelo.

O homem, podemos assim dizer, tem consciência da morte de Deus, porém, ele acaba preenchendo o vazio deixado com outras coisas externas a ele, que cumprem o mesmo papel de Deus, isto é, tira a própria autonomia de si e coloca por exemplo na ideia de Estado, de socialismo com a luta de classes, ou seja, ideia de “nenhum pastor e um só rebanho” (NIETZSCHE, 2011, p. 19), na ciência, embora Nietzsche não negue o conhecimento adquirido através da ciência, o que ele nega é a validade universal desta.

Fica, portanto evidente, que o homem do espírito enquanto leão, por não suportar tamanha responsabilidade que é a de dar sentido à própria existência, acaba criando novas ideias em substituição aos antigos. Nesse espaço, utiliza até mesmo a linguagem, de certa forma, para ocupar o vazio deixado pela ideia de Deus, quando através desta busca atingir uma validade universal.

Marton (1990) vai nos dizer que, Nietzsche em seu ensaio intitulado *Verdade e Mentira no Sentido Extramoral*, estabelece que na linguagem repousa apenas uma crença de que podemos apreender as coisas tal como são. O homem utiliza-se da linguagem impelido pelo desejo de conservação, pois através desta ele pode comunicar suas vontades aos demais. “A ‘razão’ na linguagem: oh

que velha e trapaceira senhora ela é! Receio que não estamos livres de Deus, porque ainda cremos na gramática” (NIETZSCHE, 2009, p. 44). Então, a linguagem, segundo o filósofo, possui a função apenas de exprimir uma relação do indivíduo com as coisas, jamais a elas próprias. Segundo Souto (2012) a linguagem não possui nenhuma relação com o mundo e as coisas, ela refere-se apenas à relação estabelecida entre os homens, isto é, trata-se apenas de uma convenção.

Devemos notar ainda que, Nietzsche posiciona duas figuras de grande vulto da História Moderna no seio do segundo estágio das metamorfoses. Estamos nos referindo nesse trecho a Immanuel Kant e Martinho Lutero. Na seção intitulada a “Festa do asno”, “o andarilho e sombra” expõe que “o mais feio dos homens” ressuscitou Deus: “o velho Deus vive de novo, ó Zaratustra, podes falar o que quiseres. O mais feio dos homens é o culpado de tudo: ele o ressuscitou” (NIETZSCHE, 2011, p. 297).

É fato bastante perceptível, que Nietzsche faz duras críticas aos alemães de sua época, o que podemos constatar mais precisamente ao compreendermos seu propósito de correlacionar “o mais feio dos homens” com Kant e Lutero. Ele criticou bastante Lutero, principalmente, por este reestabelecer as bases do cristianismo, quando este já estava sendo superado. A seu modo de ver, os alemães, ao invés de sentirem orgulho deste ato, deveriam envergonhar-se.

Neste momento faz-se mister evocar uma memória cem vezes mais dolorosa aos alemães. Os alemães impediram a Europa de colher os últimos grandes frutos de cultura – A Renascença. Compreende-se finalmente, será que se compreende-se o que era a Renascença? A transmutação dos valores cristãos – uma tentativa com todos os meios, todos os instintos e todos os recursos do gênio para fazer triunfarem os valores opostos, os valores mais nobres... até ao presente essa foi a única grande guerra; nunca houve uma questão mais crítica que a da Renascença – que é minha questão também – nunca houve uma forma de ataque mais fundamental, mais direta, mais violentamente desferida por toda uma frente contra o centro do inimigo! Atacar no lugar decisivo,

no próprio assento do cristianismo, e lá entronar os valores nobres – isto é, introduzi-los nos instintos, nas necessidades e desejos mais fundamentais dos que ocupavam o poder... vejo diante de mim a possibilidade de um encantamento supraterrâneo: – parece-me que cintila com todas as vibrações de uma beleza sutil e refinada, dentro da qual há uma arte tão divina, tão diabolicamente divina, que em vão se procuraria através dos milênios por semelhante possibilidade; vejo um espetáculo tão rico em significância e ao mesmo tempo tão maravilhosamente paradoxal que daria a todas as divindades do Olimpo um ensejo de irromper numa imortal gargalhada – César Bórgia como Papa!...compreendem-me?... Pois bem, essa teria sido a espécie de vitória que hoje somente eu desejo –: com ela o cristianismo teria sido abolido! – Que sucedeu? Um monge alemão, Lutero, chegou a Roma. Esse monge, com todos os instintos vingativos de um padre malgrado no corpo, levantou uma rebelião contra a Renascença em Roma... em vez de compreender, com profundo reconhecimento, o milagre que havia ocorrido: a conquista do cristianismo em sua sede – usou o espetáculo apenas para alimentar seu próprio ódio. O homem religioso pensa apenas em si mesmo. – Lutero viu apenas a corrupção do papado, enquanto exatamente o oposto estava tornando-se visível: a velha corrupção, o peccatum originale, o cristianismo já não ocupava mais o trono papal! Em seu lugar havia vida! Havia o triunfo da vida! Havia um grande sim a tudo o que é grande, belo e audaz! ... E Lutero restabeleceu a Igreja: a atacou... A Renascença – um evento sem sentido, uma grande futilidade! – ah, esses alemães, quanto já nos custaram! Tornar as coisas vãs – sempre foi esse o trabalho dos alemães. (NIETZSCHE, 2002, p. 154).

Daí, podemos inferir que o intento do filósofo é repassar que de fato, Lutero ao atacar a Igreja, conseguiu restabelecer as bases do cristianismo em seu período mais crítico. Do ato deste, fez suscitar, segundo Nietzsche, “a mais imunda, incurável e indestrutível forma de cristianismo – protestantismo” (NIETZSCHE, 2002, p. 156).

Do outro alvo nietzschiano, Kant, Marton (1990) relata que ele empreendeu uma tentativa de impor limites ao nosso conhecimento, além de situar a moralidade em um campo indiscutível. A partir de então, como resultado, restaurou o mundo suprasensível e ainda garantiu de maneira sub-reptícia, os objetos componentes da Metafísica dogmática com a tentativa de garantir-lhes lugar irrecusável, ou em outras palavras, garantiu a ideia de Deus como coisa em si.

Se retornarmos ao quadro da morte de Deus, um fato que nos deixará bastante curiosos é, por que Nietzsche utiliza a personagem de um louco para dar

uma notícia tão majestosa? O fato é que o louco, assim como a criança possuem a liberdade de falar tudo que quiserem, com uma atenuante, segundo o senso comum, ambos nunca mentem. O louco possui o mesmo poder que representa na obra *Elogio à Loucura*, de Erasmo de Rotterdam (2002), isto é, a loucura não utiliza-se de disfarces nem máscaras, não mede em palavras o que pensa e fala o que vem à mente, e como consequência, o que ela falar representa a exposição da verdade como preceito peculiar da sua natureza.

De acordo com Azeredo (2008), o intuito de Nietzsche, ao introduzir a figura do leão à segunda metamorfose é demonstrar que houve uma passagem no pensamento ocidental, da heteronomia absoluta, na qual o homem nada mais era que uma criatura diante de um criador, que interpretava tanto o mundo como o conhecimento e a ação a partir da projeção do valor em um absoluto, para a crença de que a fonte de criação encontrava-se estabelecida no sujeito. Machado (1997) corrobora com tal informação ao dizer que ocorreu a substituição da teologia, tão forte e tão presente na Idade Média, na qual tudo representava o ponto de vista de um Deus pela ciência, isto é, o ponto de vista do homem.

Todavia, o leão ainda não é possuidor do exercício espontâneo de criar valores, de dar seu próprio sentido à vida: “criar novos valores – tampouco o leão pode fazer isso; mas criar a liberdade para nova criação – isto está no poder do leão” (NIETZSCHE, 2011, p. 28).

Disto ocorre o seguinte: o homem possui a capacidade de criar seus próprios valores. O que assimilamos através de nossa análise é que o homem engana-se ao confundir que esta capacidade é da espécie humana, isto é, ainda não entende que isto deve partir de cada um de forma independente. Zaratustra já adiantara isto na seção “Das paixões Alegres e dolorosas” ao dizer que, “não quero como uma lei de Deus, não o quero como estatuto e necessidade humana”

(NIETZSCHE, 2011, p. 36). Para Nietzsche, o homem ainda está muito ligado à ideia de natureza humana, de livre arbítrio:

Teus cães selvagens querem a liberdade; ladram de alegria em seu porão, quando teu espírito busca abrir todas as prisões.
Ainda és, para mim, um prisioneiro que contempla a liberdade: ah, em tais prisioneiros a alma se torna prudente, mas também ardilosa e ruim.
Também precisa ainda purificar-se o libertado do espírito. Nele ainda há muito de prisão e de mofo: seu olhar ainda precisa se tornar puro (NIETZSCHE, 2011, p. 43).

Nietzsche não aceita a perspectiva de uma determinação externa e tampouco uma autodeterminação, já que, a primeira estabelece a responsabilidade de criar na ideia de natureza divina; a segunda na ideia de uma natureza humana. E em sua ótica tanto a interpretação de mundo, como a de conhecimento e a de ação estiveram pautadas, no decorrer da história sempre, ou na ideia de Deus ou na ideia de natureza

Destarte, podemos perceber que o espírito enquanto leão tem o poder de criar para si a liberdade de criar novas criações, contudo incorre no mesmo erro outrora também cometido pelo camelo, que é o de basear a vida em ideais. Sendo assim, a ideia de Deus como fundamento moral, continua estagnada no mesmo ponto, ou seja, servindo de obstáculo para a criação de novos valores.

2.4 Terceira Metamorfose: O Espírito Criança

A última metamorfose, isto é, o espírito enquanto criança, surge a partir do momento em que o homem passa a compreender que mesmo o leão, ainda vive sob ideais. O mundo representa para Zaratustra um círculo de interpretações, sendo da responsabilidade de cada um dar sua própria interpretação. Nietzsche utiliza-se da Teoria do Primeiro Motor Imóvel de Aristóteles para explicar o que

significa o “tornar-se criança”, e ainda fazer uma referência ao fato de que ele representa o filósofo do devir.

Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer sim. Sim para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer sim: o espírito quer agora sua vontade, o perdido para o mundo conquista seu mundo (NIETZSCHE, 2011, p.28).

Nesse contexto, a criança é quem cria suas próprias regras no jogo da vida, com um detalhe: ela as altera sempre que a convém. Outra grande vantagem na criança é o fato dela não se manter apegada a fatos futuros, ela vive o momento da forma que ele apresenta-se. Ela diferencia-se do leão pelo fato deste representar ainda apenas uma revolta e negação aos deveres impostos, uma negação da vontade de outros. Mas ao expor que a criança é uma roda que gira por si mesma, um movimento inicial, significa dizer que ela independe de um agente exterior para conseguir efetivar-se, isto é, ela ignora o mundo do “tu deves” para criar seu próprio mundo soberano e afirmá-lo através de um sagrado “sim” criador.

Consoante Azeredo (2008) a criança ultrapassa as interpretações morais, situadas tanto na finalidade quanto na liberdade da vontade e inicia uma nova dimensão no agir como afirmação irrestrita, a florada a partir de sua inocência peculiar. Dessa forma, suscitaria portanto, uma nova forma de viver, não mais focada em uma finalidade e nem uma responsabilidade no plano pessoal ou cosmológico, mas sim através da afirmação da condição do vir-a-ser como criação. Nietzsche percebe o mundo como um jogo de interpretações no qual comporta simultaneamente o esquecimento e a criação.

Algo que desperta curiosidade é o que remete ao fato de porquê Zaratustra descreve tão pouco o espírito enquanto criança, já que o do camelo e o do leão ele discorre bem mais. Ele deixa vago muitas qualidades que poder-se-

iam ser direcionadas. Barros, Dias, Vanderlei (2011) faz a mesma indagação a este fato de Nietzsche dedicar um espaço mínimo, se comparado com o dispensado às outras metamorfoses, além de não fazer qualquer referência ao teor das criações da criança como por exemplo, o que é por ela esquecido? Qual o objeto de seu jogo? Ao que conduz seu movimento inicial, se é que conduz a algo e por último, ao que a criança diz sim?

Não estaríamos errados pois, se desconfiarmos que o intuito de Nietzsche é fazer que nós exercitemos nosso pensar e criemos nós mesmos os atributos que possam advir da criança, que nós mesmos exerçamos nossa capacidade de criar. O filósofo utiliza a última metamorfose também para estampar a característica principal de sua filosofia. Ele é o filósofo da ação, o que já deixou claro ao asseverar que a chave não é viver com se pensa e sim pensar como se vive. Zaratustra simboliza a questão do criar ao inserir na sua fala que o criador é ao mesmo tempo um destruidor, isto é, ele quebra as antigas tábuas de valores para criar novas, que partam de si, de sua vontade de poder.

Vede os bons e justos! A quem odeiam mais? Àquele que quebra suas tábuas de valores, ao quebrador, infrator: – mas esse é o que cria.
Vede os crentes de todas as fés! A quem odeiam mais? Àquele que quebra sua tábuas de valores, ao quebrador, infrator: – mas esse é o que cria.
Companheiros é o que busca o criador, não cadáveres, e tampouco rebanho e crentes. Aqueles que criem juntamente com ele busca o criador, que escrevam novos valores em novas tábuas (NIETZSCHE, 2011, p. 23).

Nietzsche recorre à uma passagem da Bíblia Sagrada (êxodo 31-32), a qual Moisés recebe das mãos do Senhor duas tábuas do Testemunho e da Aliança contendo os mandamentos escritos pelo dedo de Deus, e que em um acesso de ira aquele acaba quebrando-as ao pé do monte, para figurar que apenas quem despreza a interpretação antiga do mundo pode criar uma nova

interpretação – “ e quem tem de ser um criador no bem e no mal: em verdade, tem de ser primeiramente um destruidor e despedaçador valores” (NIETZSCHE, 2011, p. 111) Porém muitos, que Nietzsche chama de “bons e justos” e “crentes de todas as fés”, não gostam dos quebradores de tábuas por já estarem acomodados, e por terem receio do novo, acovardam-se:

O filósofo afirma na passagem “Nas Ilhas Afortunadas” que ao homem que cria, para querer ser o filho que nasce, precisa querer ser também ao mesmo tempo a parturiente com suas dores do parto. Ora, o fato de criar traz em si a questão da dor, ou seja, ao criar e afirmar a criação é preciso desprezar, desgarrar-se da forma antiga, porém isso primeiramente nos causa um sofrimento, até conseguirmos nos libertar totalmente.

Giacoia (2013) afirma que o que Nietzsche busca é uma ensinamento cujo qual a condição infantil e artística de inocência e criação encontra-se condicionada apenas aos mais fortes e comedidos. Estes enfrentam a vida armados com a mais poderosa de todas as armas: o riso. Apenas o espírito livre da criança é capaz de suportar a vida como ela é e ainda assim rir de suas adversidades: “não com ira, mas com riso é que se mata” (NIETZSCHE, 2011, p. 41). À vista disso, a liberdade do homem situar-se-ia portanto no criar.

Na metamorfose da criança, vemos acomodar três dos principais conceitos da filosofia afirmativa de Nietzsche: o “eterno retorno”, o “amor fati” e o “super-homem”. Tais conceitos apresentam-se como distintos, porém cada um permanece como que interligado aos demais.

Nietzsche apresenta o conceito de eterno retorno mais detalhadamente no aforismo 341 da obra *A Gaia Ciência*, a qual refere-se como o peso mais pesado. Ele faz a apresentação em forma de um questionamento.

E se um dia, ou uma noite, um demônio te seguisse em tua suprema solidão e te dissesse: ‘esta vida, tal como a vives atualmente, tal como a viveste, vai ser necessário que a revivas mais uma vez e inumeráveis vezes; e não haverá nela nada de novo, pelo contrário! A menor dor e o menor prazer, o menor pensamento e o menor suspiro, o que há de infinitamente grande e de infinitamente pequeno em tua vida retornará e tudo retornará na mesma ordem – essa aranha também e esse luar entre as árvores e esse instante e eu mesmo! A eterna ampulheta da vida será invertida sem cessar – e tu com ela, poeira das poeiras!’ – não te jogarias no chão, rangendo os dentes e amaldiçoando esse demônio que assim falasse?

Ou talvez já viveste um instante bastante prodigioso para lhe responde: ‘tu és um deus e nunca ouvi coisa tão divina!’ (NIETZSCHE, 2008, p. 239).

Vemos que, partindo dessa postulação, apenas alguém que vive a vida plenamente desejaria repeti-la novamente, infinitas vezes. Para o espírito do camelo, a notícia de viver novamente uma vida, carregando o peso imposto a si, soaria como uma maldição, pois para ele a vida é um fardo muito pesado. A afirmação do eterno retorno paira portanto, sob duas possibilidades diametralmente antagônicas, dois sentidos para a existência: em um caso a repetição da vida representa uma maldição e no outro um arrebatamento. Em “Da visão e do Enigma” Zaratustra infere que o anão não suportaria o segredo abissal do eterno retorno, o que o faz saltar de seus ombros, já que ele representa o achatamento do homem sob o peso dos valores impostos. O profeta do eterno retorno expressa pois, sua doutrina para o anão.

Olha esse portal, anão!, falei também; ‘ele tem duas faces’. Dois caminhos aqui se encontram: ninguém os trilhou até o fim.

Essa longa rua para trás: ela dura uma eternidade. E a longa rua para lá – isso é outra eternidade.

Eles não se contradizem, esses caminhos; eles se chocam frontalmente: – é aqui, neste portal, que eles se encontram. O nome do portal está em cima: ‘Instante’.

Mas, se alguém seguisse por um deles – sempre mais distante e mais longe: acreditas, anão, que esses caminhos se contradizem eternamente? – “Tudo que é reto mente”, murmurou desdenhosamente o anão. “Toda verdade é curva, o próprio tempo é um círculo” (NIETZSCHE, 2011, p. 150-151).

Interpretamos essa afirmação da seguinte forma: se o tempo é circular, não existiria uma separação entre o futuro e o passado, ambos encontrar-se-iam

unidos em um único ponto, denominado instante. Sendo assim o presente não corresponderia a um algo fixo no tempo, isto é não existiria um tempo presente da forma que imaginamos, ele representa apenas um devir, algo que passa muito rapidamente.

De acordo com Barbosa (2010) Nietzsche insere o pensamento do eterno retorno cosmológico com base em dois princípios: a finitude das forças e a eternidade do tempo, com o intuito de superar a concepção teológica, que pregava que o mundo fora criado em um determinado tempo e tende a um fim; e a concepção científica que estabelece que o mundo pode ser explicado somente por uma ordenação racional.

Se o mundo pode ser pensado como grandeza determinada de força e como número determinado de centro de força – e toda outra representação permanece indeterminada e conseqüentemente inutilizável –, disso resulta que ele tem de passar por um número calculáveis de combinações, no grande jogo de dados de sua existência. Em um tempo infinito, cada combinação possível estaria alguma vez alcançada; mais ainda; estaria alcançada infinitas vezes e como entre cada combinação e seu próximo retorno todas as combinações ainda possíveis teriam de estar transcorridas e cada uma dessas combinações condiciona a seqüência inteira das combinações da mesma série, com isto estaria provado um curso circular de séries absolutamente idênticas: o mundo como curso circular que infinitas vezes já se repetiu e que joga seu jogo in infinitum. (BARBOSA, 2010, p. 77 apud NF/FP 14 (188) da primavera de 1888).

Nietzsche estabelece por meio desse enunciado que as forças não permanecem sob uma finalidade, isto é, a forma do eterno retorno exige uma recusa radical de uma pretensa finalidade do universo. O tempo não tende para um fim preestabelecido ou um alvo predeterminado. As forças são finitas, portanto a matéria por elas composta também finda. Ou para melhor dizer, se o tempo é infinito, a eternidade torna-se temporal.

Embora não consiga-se fazer uma demonstração científica desta hipótese cosmológica do eterno retorno, ela possui um ponto positivo, qual seja, a tentativa

por parte do filósofo de superar as concepções teológica e científica. A hipótese possui também o ponto negativo, que é o fato de, ao atestar que tudo é apenas uma eterna repetição do mesmo, nós não poderíamos sequer falar de criação ou de superação, fato que faz com que seja descartada tal hipótese.

Com a necessidade de superar o vazio deixado pela morte de Deus, da qual o mundo viu-se desprovido de um sentido transcendente, Barros (2008) acha viável utilizar a doutrina do eterno retorno não como uma experiência real e possível, mas sim como uma hipótese no plano ético. Segundo o mesmo é no plano moral que tal doutrina desvela todo seu dispêndio de força. Ela configura a afirmação incondicional da vida e funcionaria como ponto de partida para o projeto da transvaloração de todos os valores. E embora o ético, assim como o cosmológico represente também apenas uma conjectura, ele assemelha-se a um imperativo existencial que ficaria mais ou menos assim: escolha viver cada momento da vida, de maneira plena, como se ele fosse retornar novamente, infinitas vezes.

Outro importante conceito da filosofia nietzschiana é o amor fati. Embora não muito difundido pelo filósofo, o conceito de amor fati diz respeito a uma forma de afirmação imensurável, é o sim à vida, não como esta deveria ser, mas sim como ela é. É a vitória do real sobre o ideal. Nietzsche cita sua fórmula do amor fati em *Ecce homo* da seguinte maneira:

A minha fórmula para grandeza do homem é amor fati: não se deve procurar outra diversa, quer no futuro ou no passado, nem mesmo para toda eternidade. Não basta 'suportar' o que é necessário, e muito menos desprezá-lo – todo o idealismo é uma mentira diante da necessidade; deve-se amá-lo (NIETZSCHE, 2002, p. 56).

Quando Nietzsche diz que não basta suportar o que é necessário, ele quer dizer que a vida não é um fardo, não é algo a ser suportada. Apenas o espírito do

camelo é quem a enxerga desta forma. Para o homem forte, aristocrata a vida é maravilhosa, e portanto deve ser amada. Com isso o filósofo busca transpor a ideia de valores situados em um plano imaginário, para que o homem seja capaz de criar apenas pelo próprio prazer de fazer.

Segundo Azeredo (2008) Nietzsche usa tal conceito como forma de sobrepujar as interpretações que falsearam a vida, que a negavam de forma profunda, ao basear-se por ideais, substituindo por seu dizer sim incondicional: “Surge uma espécie de necessidade de afirmação incondicional de cada proposição posta no curso do tempo” (AZEREDO, 2008, p. 232). Em vista disso, o filósofo alemão, busca através de seu empreendimento, mostrar ao homem um outro ângulo da vida sem a necessidade de um manto metafísico. A redenção da vontade é atingida através do amor fati, somente com ele e por ele é que podemos amar a vida como ela é, além claro, de conseguirmos querer para trás, transformando assim todo o “foi” pelo “assim eu quis”.

Na filosofia afirmativa nietzschiana em *Assim Falou Zaratustra*, o conceito de super-homem ocupa, na obra, posição central. Apenas este seria capaz de amar e afirmar a vida como ela é, e ainda assim desejar que retorne infinitas vezes. Zaratustra revela aos homens a que veio, primeiramente no item 3 do prólogo, no qual assevera às pessoas que esperam o espetáculo do funâmbulo na praça do mercado: “Eu vos ensino o super-homem. O homem é algo que deve ser superado, que fizeste para superá-lo?” (NIETZSCHE, 2011, p. 14).

O fato marcante disso é que ninguém quer ouvir o que ele tem para dizer. Ao analisarmos o porquê de Zaratustra não ter encontrado ouvidos para suas palavras, concluímos que isto parte do fato de o mesmo apresentá-las como uma imposição. Isto nos remete à questão que ele tenta repassar, de que não conseguimos algo que desejamos através de imposição mas sim como ele

afirmara em “Dos Trasmudandos”: “dizei-me, irmãos, a mais prodigiosa de todas as coisas não é a mais bem demonstrada?” (NIETZSCHE, 2011, p. 32).

Sendo assim, após a ocorrência da morte de Deus, o mundo perdeu o centro de gravidade postulado em um ideal, portanto, Nietzsche vê como necessário estabelecer este ponto na vivência do eterno retorno, isto é, o agir não pode mais ser baseado em um fundamento moral do mundo, ele parte agora do campo ético. Para o homem conseguir libertar-se e afirmar sua vida incondicionalmente, primeiramente precisa derrotar a ideia de Deus, em seguida derrotar o nada resultante desta.

O homem viveu durante muito tempo regido por forças externas a si. Através das metamorfoses do espírito, Nietzsche por intermédio de Zarathustra, possui como intuito principal demonstrar como o espírito poderá tornar-se senhor de sua própria vontade, libertando-se assim dos dogmas que o prendem e lhe impõem uma visão falseada da vida: No entanto para que consiga êxito em seu caminhar “tens de querer queimar em tua própria chama: como te renovaria, se antes não te tornasses cinza?” (NIETZSCHE, 2011, p.62). Só a partir do momento em que o homem entender que ele próprio é seu maior inimigo e obstáculo poderá desprezar sua forma decadente e promover uma auto superação de si.

Nessa espécie de sistema nietzschiano, apresentado nas metamorfoses do espírito, o homem parte de um tu deves, passa por um eu quero até poder libertar-se e afirmar-se através de um eu sou. Esta afirmação só pode ser feita pela figura da criança, possuidora da inocência capaz de burlar o peso da obediência utilizando-se da libertação, munida da força do leão para representar uma nova postura afirmativa do homem perante o mundo, na qual o próprio conceito de super-homem não remete a um ser mais evoluído do que o homem de outrora e sim a um estado de espírito.

CAPÍTULO III

VIDA E VALOR

3.1 Metafísica e Niilismo

Nietzsche, com sua filosofia afirmativa, representa um limiar de vida ao homem. Este outrora possuía como intento encontrar o sentido da vida, como que através de uma fórmula mágica. Até então o homem vivera em busca de dar um valor à vida, coisa que nunca obteve êxito, já que a vida jamais deixou-se avaliar.

Um dos diálogos mais significativos de *Assim Falou Zaratustra* ocorre entre nosso herói trágico e o anão.

Para o alto: – embora ele estivesse em minhas costas, meio anão, meio toupeira; aleijado; aleijador; pingando chumbo em meu ouvido pensamentos-gotas de chumbo em meu cérebro.

‘Ó Zaratustra’, cochichou zombeteiramente, sílaba por sílaba, ‘ó pedra da sabedoria! Tu te arremessaste para cima, mas toda pedra arremessada tem de – cair!

Ó Zaratustra, pedra da sabedoria, pedra da funda, destruidor de estrelas! Arremessaste a ti mesmo tão alto – mas toda pedra arremessada – tem de cair!

Condenado a ti mesmo e a teu próprio apedrejamento: ó Zaratustra, arremessaste longe a pedra – mas sobre ti ela cairá.

Então calou-se o anão; e isso durou muito. Mas seu silêncio me oprimia; e estar assim a dois é, em verdade, mais solitário do que estar a um!

Eu subia, subia, sonhava, pensava – mas tudo me oprimia. Eu parecia um doente ao qual seu triste martírio torna cansado e que é despertado, ao adormecer, por um sonho ainda pior. – mas existe algo em mim, que chamo de coragem: até agora, sempre matou em mim todo desânimo. Por fim, essa coragem me mandou parar e falar: “Anão! Ou tu, ou eu!”.

É que a coragem é o melhor matador – coragem que ataca: pois em todo ataque há fanfarra.

O homem, porém, é o animal mais corajoso: assim superou qualquer animal. Com fanfarra superou também qualquer dor; mas a dor humana é a dor mais profunda.

A coragem também mata a vertigem ante os abismos: e onde o ser humano não estaria diante de abismos? O próprio ver não é – ver abismos?

A coragem é o melhor matador: coragem também mata a compaixão.

Mas coragem é o melhor matador, coragem que ataca: ela mata até mesmo a morte, pois diz: 'Isso era vida? Muito bem! Mais uma vez!'. Mas há muita fanfarra num dito como esse. Quem tem ouvidos, que ouça.
'Alto lá, anão!', falei. 'Eu ou tu! Mas eu sou o mais forte de nós dois – tu não conheces meu pensamento abismal! Esse – não poderias suportar!' – Então ocorreu algo que me fez mais leve: pois o anão pulou de meus ombros, por curiosidade! E foi se acocorar sobre uma pedra à minha frente (NIETZSCHE, 2011, p. 150).

Vejamos bem, o anão símbolo incontestado de todas as formas degenerativas de niilismo – o negativo, do qual o homem nega o mundo por valores transcendentais, e passa a enxergar a vida através de dualidades; e o niilismo passivo, no qual o homem faz a passagem da vontade de nada para o nada de vontade, isto é, a vontade de potência esgota-se, e o homem torna-se apenas um ser decadente – segundo Zaratustra não suportaria seu segredo abismal, isto é, a doutrina do eterno retorno. A doutrina do eterno retorno prega que esta vida, da forma que vivemos, viveremos novamente por infinitas vezes.

Os niilistas precisam acreditar que dias melhores virão: em um tempo futuro ou em uma outra vida em um outro mundo, representando “o paraíso celeste”. Se bem, não é que eles acreditam nisso, mas eles precisam acreditar: “no fundo são votos que tal mundo exista” (MARTON, 1990, p. 177). Podemos citar deste modo, o cristão: este abstém-se de toda sensualidade do corpo para centrar-se em uma vida espiritual. De acordo com os mesmos, nesta vida quanto mais o corpo sofrer mais garantido estará sua salvação eterna. Portanto, jamais concordariam viver novamente esta mesma vida infinitas vezes, pois significaria também sofrer novamente por infinitas vidas.

O homem trágico, o amante da vida, aproveitará cada instante de alegrias e tristeza, dores e prazeres, porque ele compreende que até mesmo a dor faz parte do processo de embate consigo mesmo na vida. É isso que Nietzsche busca suscitar no homem: amar a vida com total intensidade, tanto nos momentos bons

quanto nos momentos ruins, pois a coragem não só aceita a vida, como também a quer. E se, o homem busca um sentido para sua existência, é somente ele mesmo que o poderá fazer, criando e superando-se a cada momento de sua vida.

No prólogo de *Assim Falou Zaratustra*, mais precisamente no item II, aparece um diálogo entre Zaratustra e o ancião da floresta, em que ao ser questionado pelo ancião sobre o motivo que o impele a voltar para junto dos homens, nosso herói trágico responde o seguinte: “levo um presente para os homens” (NIETZSCHE, 2011, p. 13), ao que de pronto é repreendido pelo velho sábio: “não lhes dê nada, disse o santo. Pelo contrário, tira-lhes qualquer coisa e carrega-a para eles” (Id. Ibid.). Ou de outra forma: lhes deem seus ombros para ajudar a carregar os pesos morais, visto que assim ficarão gratos por mais um membro no rebanho.

Nietzsche busca portanto compreender a história dos valores morais, isto é, o momento e as condições do surgimento dos mesmos. O filósofo, para tanto, utiliza-se do método genealógico, para com o auxílio da história conseguir remontar à origem e fazer uma análise voltada para a questão de poder-se reavaliar os valores que regem o comportamento humano e julgar sua coerência com a vida contemporânea, o que vai ser a base de seu projeto de transvaloração de todos os valores.

Nietzsche, através de suas obras, principalmente *Assim Falou Zaratustra*, visto como o livro mais afirmativo de todo seu pensamento filosófico, pretende superar em definitivo a Metafísica. Mas o que nós, leitores, entendemos por superação da Metafísica, partindo do pensamento do filósofo? Talvez, quem sabe, extingui-la de vez? – não é isso que em seu pensamento representa. Nosso iconoclasta almeja superar a Metafísica, mas não promovendo sua total extinção, mas antes atribuindo-lhe uma base científica.

Conforme Giacoia (2013), podemos notar que desde os primeiros escritos Nietzsche já demonstrava sua intenção no sentido de promover a superação dos valores ideais, impostos pela Metafísica, e como alvo principal, reverter o platonismo, para a partir de então conseguir transvalorar todos os valores considerados supremos pela Cultura Ocidental

Um traço marcante na filosofia de Nietzsche consiste na pretensão sustentada desde seus primeiros escritos, tanto de reverter o platonismo quanto superar a metafísica pela transvaloração dos supremos valores da cultura ocidental (GIACOIA, 2013, p.208).

Então, desta forma, voltamos nossa atenção para a questão do platonismo, que desde cedo já representava o principal alvo do “martelo” nietzschiano. Afirmação que podemos confirmar sendo reforçada por quase todas, senão todas suas obras. Nietzsche encarava o platonismo como a principal doutrina negadora, além de desvalorizadora da vida.

Quanto à questão de estabelecer uma base científica à Metafísica, podemos afirmar com todas as letras que Nietzsche não nega a existência da alma, nem mesmo deus como onipotência. Isso mesmo! O que Nietzsche rejeita é a transcendência, partindo destas coisas. Elas existem sim para ele, porém como coisas imanentes, todas sujeitas ao devir.

Marton (1990), interpreta o propósito do filósofo como sendo o de, ao combater a Metafísica, através da Psicologia, Cosmologia e Teologia racionais, não que as elimine, mas antes pretende apenas evitar que os filósofos e cientistas extrapolem o campo das especulações. Nesse caso, os conceitos de Deus, alma e mundo não seriam, portanto, eliminados pela ciência e sim por ela assimilados. Então, sua real intenção nada tem a ver com a eliminação da Metafísica e sim com seu refinamento, utilizando como base as ciências naturais.

Um fato que nos chama atenção e deixa-nos até mesmo perplexos é o fato de que alguns leitores e até mesmo estudiosos do pensamento nietzschiano interpretam a passagem “eu acreditaria somente num deus que soubesse dançar” (NIETZSCHE, 2011, p.41) como sendo uma referência do filósofo ao deus Dioniso. Realmente, Dioniso é o deus da dança, das extravagâncias, do excesso, um deus que representaria sim a tragicidade da vida, e que estaria mais em conformidade com a Filosofia afirmativa de Nietzsche. O que nos causa estranheza é o fato de que, se Nietzsche é o filósofo que confirma a morte de Deus, nesse caso, fazer referência em sua obra magna à crença em Dioniso seria no mínimo uma contradição grotesca de seu pensamento.

Somos impelidos a afirmar, que não faz sentido algum falar da morte de Deus ou dos deuses e ainda assim continuar com a concepção idealista de um deus. Sendo assim, Nietzsche faz sim uma referência à dança e a um deus, mas não a um deus transcendente e idealista, mas sim à dança das forças que compõem a vontade de poder, o embate permanente das forças.

Quando Zarathustra diz para o funâmbulo que “sua alma morrerá primeiro que seu corpo” (NIETZSCHE, 2011, p. 20), tal ação significa na boca do profeta, uma forma de dar-se total importância à questão da imanência, tirando-se a imortalidade de uma alma transcendente para situá-la nas forças que compõem a vontade de poder. E onde os cristãos diriam que em tudo veem a presença de Deus, Nietzsche diria que em tudo que existe vê apenas vontade de poder. Tudo isto faz parte do projeto de superação da metafísica, que vê como elevada importância, analisar também os valores morais.

3.2 Bem e Mal: Afirmação e Negação da Vida

O empreendimento nietzschiano de transvalorar os valores, outrora considerados supremos pela cultura ocidental, propulsiona-o na direção, vista por ele de extrema importância, de uma investigação minuciosa acerca de dois dos maiores valores morais em que o mundo encontra-se submetido: “bem” e “mal”. Nietzsche, segundo Machado (1999) entende que, diferente do que se pensa, ambos não possuem valor supremo e imutável, muito menos há algo transcendente que conceda-os valor universal: “em suma, insurgindo-se contra a tendência a considerar ‘o valor desses ‘valores’ como dado, como real, como além de todo questionamento” (MACHADO, 1999, p. 39). Segundo o filósofo, eles nada mais são do que criação humana, portanto, devem sem dúvida, terem surgidos em algum tempo e lugar.

Sob que condições inventou-se o homem aqueles juízos de valor, bom e mal? E que valor tem eles mesmos? Obstruíram ou favoreceram até agora o prosperar da humanidade? São um signo de estado de indigência, de empobrecimento, de degeneração da vida? Ou inversamente, denuncia-se neles a plenitude, a força, a vontade de vida, seu ânimo, sua confiança, seu futuro? – sobre isso encontrei e aventurei comigo mesmo muitas sortes de resposta, distingui tempos, povos, graus hierárquicos dos indivíduos, especializei meu problema, das respostas vieram novas perguntas, pesquisas, suposições, verossimilhanças (NIETZSCHE, 1998, p. 9).

É fácil de percebermos que, Nietzsche possui a preocupação e cautela de descortinar o valor do “bem” e do “mal”. O interessante é que não somente isso, pois, também o filósofo entende como primordial saber se tais juízos de valor representam um ganho ou uma perda de vitalidade para o homem, já que o que lhe interessa é saber se algo é benéfico ou não à vida, benéfico no sentido de aumentar no homem sua vontade de poder e que, seu contrário, isto é, o que diminui sua vontade de poder o filósofo considera como maléfico.

Através de suas inquirições em busca de uma origem para os juízos de valor “bem e mal”, seus estudos desembocam em duas esferas, a saber, a dos

nobres e a dos escravos, “ou, para usar as expressões de *Crepúsculo dos Ídolos*, uma ‘moral sadia’, natural, regida pelos instintos da vida, e uma ‘moral contranatural’ voltada contra os instintos da vida” (MACHADO, 1999, p. 61).

Segundo o filósofo alemão, aos historiadores da Moral faltou o verdadeiro espírito histórico, quando estes, ao buscarem investigar a origem do conceito e do juízo “bom”, afirmaram que boas seriam as ações não egoístas pelos quais as praticavam, e como passaram usualmente a ser consideradas boas, também passaram a ser sentidas boas. Isto fez com que o homem considerado superior pensasse ser um privilégio do homem, e até mesmo julgasse digno de orgulho.

No seu entendimento, cometeu-se assim um engano ao procurar-se a fonte do conceito “bom” nas atitudes praticadas a outrem: “o juízo bom não provém daqueles aos quais se fez o bem” (NIETZSCHE, 1998, p.19). De acordo com seu entendimento, o homem nobre é o verdadeiro criador de tais conceitos, usando a si próprios e seus atos como parâmetro para decretar o que era “bom” em oposição ao baixo, vulgar e plebeu pois, “louvável é o que ele julga difícil; o que é indispensável e difícil considera bom, e o que liberta da necessidade suprema, o raro, o difícilimo – ele exalta como sagrado” (NIETZSCHE, 2011, p. 57).

Seguindo sua linha de raciocínio, a valoração dos nobres partia deles próprios. O “bom” eram seus atos, eles não precisavam de algo externo que os dissesse o que seria o “bom”. Por consequência, o homem que encontrava-se em oposição a este espírito senhoril, seria considerado “ruim”. É a partir de então, de surge o conceito de valor “ruim”, como oposição ao “bom”, isto é, aquele que não consegue auto afirmar-se, é considerado “ruim” pelos nobres. “Bom e mau são, por um tempo, sinônimo de nobre e vil, mestre e escravo” (MACHADO, 1999, p.65). Os nobres, pela posição que ocupam, seriam os responsáveis por nomear as coisas, além de exercer o poder da valoração.

De acordo com a ótica nietzschiana, o poder de nomear as coisas remete-se até mesmo à origem da linguagem, já que ela expressa o poder dos nobres pois, são eles os detentores do poder de dizer que “isto é isto”, ou seja, parte de uma convenção entre eles, como uma forma de apropriarem-se das coisas.

Diferente do que outrora fora pensado, não é a ação não egoísta que determina o que é bom, mas sim o instinto gregário, agindo a partir da oposição “egoísta” “não-egoísta” que dá-se início ao declínio dos juízos de valor aristocráticos. O homem fraco, o escravo, julga como “bom” a utilidade da ação, isto é, “bom” para ele é a ação pautada na compaixão dos outros para consigo, as ações que não o causem nenhum tipo de dano, nada que possa ameaçar seu instinto de sobrevivência.

Devemos pois, ressaltar a diferença entre os dois julgamentos, em torno da palavra “bom”. O nobre julga a partir de si mesmo, através de seu domínio e afirmação da vida; o escravo não julga a partir de si, mas antes, a partir de outrem, isto é, ele não julga seus próprios atos, julga os atos das outras pessoas. O escravo não recorre à suas ações como parâmetro, e sim às dos outros indivíduos: “se o forte é ‘mau’ porque causa temor, ‘bom’ deve ser aquele de quem não há nada a temer” (MARTON, 1990, p. 74).

Os escravos da moral, portanto, conseguiram seu objetivo quando passaram a tomar o ressentimento como base de criação de valores, e como estes não teriam como reagir através de um ato propriamente dito, partiram para uma vingança imaginária para barrar as ações do homem nobre. Dessa feita, contrária à moral nobre que brota de um “triumfante dizer sim a si próprio, a moral dos escravos diz não logo de início, a um ‘fora’, a um ‘outro’, a um não mesmo: e esse não é um ato criador” (MARTON, 1990, p. 73).

Nietzsche entende que o juízo “bom” desenvolveu-se no berço aristocrático, altivo, remetendo ao espírito nobre, à bem nascença, ao espiritualmente privilegiado; seu contrário, os instintos plebeus, baixos, comuns, acabou transformando-se ao que opõe-se ao “bom”, ou seja, o “ruim”.

Em toda parte, ‘nobre’, ‘aristocrático’, no sentido social, é o conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu ‘bom’, no sentido do espiritualmente ‘nobre’, ‘aristocrático’, de ‘espiritualmente bem nascido’, ‘espiritualmente privilegiado’: um desenvolvimento que sempre corre paralelo àquele outro que faz ‘plebeu’ ‘comum’, ‘baixo’ transmutar-se finalmente em ‘ruim’ (NIETZSCHE, 1998, p. 21).

Em última instância, significa dizer que são dois os terrenos morais em que a palavra “bom” prospera: o primeiro, que pertence ao nobre, no qual prevalece sua própria asseveração, em que destaca-se a auto afirmação do homem; o segundo, que surge através do julgamento que o escravo faz das ações consideradas egoístas, na qual o homem insere em sua vida uma negação do poder de criar e afirmar-se. Portanto, da mesma palavra “bom” surgem outras duas palavras utilizadas para nomear seu oposto: o “mau” e o “ruim”.

O homem nobre cunha o termo “ruim” aos homens que possuem predicados antagônicos aos seus, isto é, ao “covarde” ao “plebeu”, ao “comum”. É preciso ainda enfatizar que, parte do julgamento moral feito pelo nobre. O homem que não possui suas mesmas qualidades guerreiras e corajosas, ele denomina de “ruim”. Se ele é bom, então seu contrário é ruim. Bem diferente da forma de agir do escravo, ao qual conforme Marton (1990), usa de outros meios para opor ao conceito bom.

O fraco concebe primeiro a ideia de ‘mau’ com que designa os nobres, os mais fortes do que ele – e então, a partir dessa ideia, chega como antítese à concepção de ‘bom’, que se atribui a si mesmo. O forte, por sua vez, concebe espontaneamente o princípio ‘bom’ a partir de si mesmo, e só depois cria a ideia de ‘ruim’ como uma pálida imagem –

contraste. Para o forte, 'ruim' é apenas uma criação secundária; para o fraco, 'mau' é a criação primeira, o ato fundador da sua moral (MARTON, 1990, p. 73).

O escravo, da mesma forma que usa as ações dos outros como parâmetro para designar o que é “bom”, também usa-as para designar o que seja o “mau”. Percebemos dessa forma, que para o nobre o que representa o oposto ao “bom” é o “ruim”; para o escravo, no entanto, o oposto ao “bom” é o “mau”. O escravo ao julgar as ações não egoístas dos outros como o “bom”, julga quem pratica as egoístas como “mau”, e é daí que faz a conclusão de que, se o outro é “mau”, ele, necessariamente é “bom”.

Segundo Nietzsche, o maior dano empregado aos nobres partiu dos judeus. Os judeus só conseguiram enfrentar seus inimigos e conquistadores, vingando-se por intermédio de uma inversão de seus valores nobres, fazendo-os passar a representar então tudo o que é mau. Ainda de acordo com o filósofo, foi também este povo, isto é, os judeus os responsáveis por reverterem a equação de valor aristocrático.

Foram os judeus que, com apavorante coerência, ousaram inverter a equação dos valores aristocrata (bom=nobre=poderoso=belo=feliz=caro aos deuses), e com unhas e dentes (os dentes do ódio mais fundo, o ódio imponente), se apegaram a esta inversão, a saber, 'os miseráveis somente são os bons, os pobres, impotentes, baixos são bons, os sofredores, necessitados, feios, doentes são os únicos beatos, os únicos abençoados, unicamente para eles há bem aventura – mas vocês, nobres e poderosos, vocês serão por toda a eternidade os maus, os cruéis, os lascivos, os insaciáveis, os ímpios, serão também eternamente os desventurados, malditos e danados! (NIETZSCHE, 1998, p. 26).

Ao fraco, faz-se necessário negar a quem não consegue igualar-se, para que assim possa afirmar-se a si próprio. Ele não distingue força e maldade. Já os nobres criam sua moral a partir de sua autoafirmação, e os ruins representam para eles os desprezíveis que não são dignos nem mesmo de serem seus inimigos. A partir da ótica nietzschiana vemos o filósofo chegar à conclusão de

que, foi com os judeus que iniciou-se a revolta dos escravos na moral, isto é, os valores impostos por estes passaram a valer como algo em si. Os valores capazes de tornar a vida potente foram subvertidos por valores que a degenera.

No caso, Nietzsche assenta que o juízo de valor “bem” e “mal” imposto pela classe dos escravos não possui poder de fazer o homem viver sua vida de forma afirmativa, e percebe ser de extrema necessidade que se faça uma transvaloração de todos os valores, para que o juízo de valor que tenha realmente validade volte a ser o do nobre, visto que, a valoração do escravo representa um grande perigo ao homem forte. Nas palavras de Zarathustra, Nietzsche dá sustentação ao seu conceito de bom: “ser bravo é bom” (NIETZSCHE, 2011, p. 234), e ainda conclui que, “tempo de mais se deu razão a essa gatinha e assim acabou por conferir-lhes igualmente o poder. Agora pregam: só o que a gatinha acha bom é que é bom” (NIETZSCHE, 2011, p. 251).

O homem, segundo o pensamento do filósofo, deve portanto, procurar viver a vida, tornando-a boa para si mesmo. E boa, que deriva da palavra “bom”, nos remete a um dilema: seria “bom”, da interpretação nobre ou “bom” da interpretação do escravo? Se vivermos ao modo do escravo, julgaremos a vida como horrível, coisa sem prestígio. Se vivermos do modo nobre, a vida para nós uma benção, ou de outro modo, o homem nobre vive como um forte; o escravo, cujo qual “é necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si” (NIETZSCHE, 1998, p.29), vive como um fraco, reativo. No entanto, o problema não reside na valoração do escravo, mas sim quando este busca impor esta valoração como verdade última, chegando até mesmo a contaminar o homem forte, na tentativa de torná-lo fraco.

Nietzsche ao demonstrar de forma esplendorosa que o homem vive sobrecarregado por valores – “sobre vossos ombros pesam muitas cargas, muitas

recordações” (NIETZSCHE, 2011, p. 267) – busca questionar a forma de proceder baseada nos valores que regem a conduta humana, para mostrar que ao contrário do que se pensa, não foi sempre que o “bem” concorreu para o desenvolvimento da humanidade, muito menos que o “mal” também sempre contribuiu para sua depreciação. Nesse contexto, busca através do exame genealógico, evidências que ajudem-no a provar que tanto “bem” quanto “mal” possuem uma criação histórica a que podemos recorrer: “isto impõe o conhecimento das condições e circunstâncias de seu nascimento, de seu desenvolvimento” (MARTON, 1990, p. 72).

O “bem” e o “mal” não existiram desde sempre, como podemos assim dizer, como que sendo obra de alguma divindade que prontamente lhes atribuiu valor supremo, imutável e eterno: “em verdade, os homens deram a si mesmos todo o seu bem e mal. Em verdade, eles não o tomaram e não o acharam, não sobreveio como uma voz do céu” (NIETZSCHE, 2011, p. 57) mas sim nasceu por intermédio humano em algum lugar e em um determinado tempo.

3.3 Vida e Vontade de Poder

Um dos temas principais de *Assim falou Zaratustra* é a preocupação de Friedrich Nietzsche com o surgimento de uma nova ética para a vida, pautada na vontade de poder como propulsora ao surgimento de um novo tipo de homem, não mais regidos por valores ideais. Contrapondo a isto, situa a Moral cristã como algo responsável pela corrupção e negação dos valores afirmativos da vida, e da própria vida como potência, ou melhor, como vontade de poder. Podemos, ainda, resumir sua filosofia como um intento de reverter o sentido da vida estabelecida

pelo pensamento socrático-platônico, por um pensamento trágico-afirmativo como o encontrado nos gregos antigos.

Em *Além do Bem e do Mal*, o filósofo define a vida nos seguintes termos:

Vida é essencialmente apropriação, violação, dominação do que é estrangeiro e mais fraco, opressão, dureza, imposição da própria forma, incorporação e pelo menos, no mais clemente dos casos, 'exploração' (NIETZSCHE, 2001, p.195).

Partindo da visão fisiológica da vontade de poder, percebemos dessa forma, que o filósofo quer chamar atenção para o combate que, ao atuar em cada uma das células, a vontade de poder promove. Não apenas nas células, como também exerce-se em todos os órgãos e tecidos que compõem o organismo. E mais, à vontade de poder é imprescindível que haja resistências ou obstáculos para efetuar-se: “da escola de guerra da vida – o que não me mata torna-me mais forte (NIETZSCHE, 2009, p. 24). Lema mais apropriado à vontade de poder, pois à ela a resistência significa um estímulo, nunca um fracasso.

Consoante Machado (1999), Nietzsche faz a leitura da vida, inferindo dela duas bases: uma “Moral aristocrática”, simbolizando uma ética do bom viver, na qual estariam inseridos os valores imanentes como modo de vida, pautados nas forças vitais. Esta arremete à interpretação do homem por sua vontade de poder. O homem, neste caso, seria definido pelo o que ele pode, por tudo que ele é capaz de fazer. Posicionado como antípoda a esta interpretação da vida, estaria a “Moral plebeia”, como propriamente uma moral que corresponde a “um sistema de juízos em termos de bem e de mal considerados como valores metafísicos (MACHADO, 1999, p. 61), isto é, enquanto a primeira, parte de valores imanentes, a segunda, parte de valores metafísicos ou transcendententes para avaliar a vida.

Então, conseqüentemente existiriam, na visão do filósofo do martelo, duas maneiras distintas de interpretar a existência humana: “eu distingo um tipo de vida ascendente e um outro, do declínio, da fraqueza” (MACHADO, 1999, p. 62, apud FRAG. POST. PRIMAVERA DE 1888, 15 [79]). Ou de outra forma, uma interpretação afirmativa da vida, correspondendo à uma positividade e outra como negatividade. Porém temos que enfatizar que, não quer dizer que uma seja verdadeira e a outra falsa, mas antes, porém, uma como plenitude e a outra como degeneração da vida.

Nietzsche é taxativo, ao explicitar que a Moral plebeia começou a ganhar uma espécie de “queda de braço” contra a Moral aristocrática, a partir de Sócrates, cujo o qual “ensinava que, no domínio da ética pode-se encontrar um saber relacionado àquilo que é permanente e suprassensível” (GIACOIA, 2013, p. 216), e que, desenvolveu-se no campo religioso com os ideais cristãos. O filósofo, toda via, é enfático ao afirmar já ter existido um tempo e um lugar, onde os valores aristocráticos sobressaiam-se aos demais, a saber, “a Grécia arcaica, que para ele sempre significou o apogeu da civilização” (MACHADO, 1999, p. 62), tempo e lugar, que para ele, privilegiava-se tipos individuais, medidos pela dimensão das forças.

Este tipo mais valioso já existiu bastante vezes no passado: mas sempre como um afortunado acidente, como uma exceção, nunca como algo deliberadamente desejado. Com muita frequência esse foi precisamente o tipo mais temido; até ao presente foi considerado praticamente o terror dos terrores, – e devido a esse terror, o tipo contrário foi desejado, cultivado e atingido: o animal doméstico, o animal de rebanho, a doentia besta humana: o cristão (NIETZSCHE, 2002, p. 4).

Não é novidade alguma para nós o fato de Nietzsche dirigir-se ao cristianismo como forma de degenerescência humana, mais significativamente pelo fato de tentar domesticar o homem através dos dogmas da igreja. Para o

filósofo o cristianismo nada mais é do que a continuação e aperfeiçoamento do pensamento socrático-platônico, no qual foi inserido a ideia de uma outra vida com o fim de desvalorizar essa. O filósofo, cujo para qual vida e vontade de poder não se distinguem, expressa esta afirmação em *Assim Falou Zaratustra* de maneira conclusiva: “somente onde há vida, há também vontade: mas não vontade de vida, e sim – assim vos ensino – vontade de potência (NIETZSCHE, 2011, p. 110). A vontade de poder ou vontade de potência, em sua análise, representa portanto, uma vontade orgânica que não encontramos apenas no homem, mas sim na totalidade de seres vivos.

Nietzsche contrapõe à chamada “vontade de verdade” a vontade de poder, quando diz que: “tudo o que existe quereis primeiramente fazer pensável: pois duvidais, com justa desconfiança, de que já seja pensável”. (NIETZSCHE, 2011, p. 109). Ao que revela uma alusão ao pensamento socrático-platônico que, colocava sempre a razão acima dos sentidos e das paixões humanas.

Da luta exercida pela vontade de poder não se pode esperar uma trégua nem mesmo um telos, entre as células do corpo prevalece uma hierarquia, da qual a célula mais forte subjuga a mais fraca obrigando-a a uma obediência. Porém, essa relação de mando e obediência não é algo fixo, quem obedece agora poderá mandar no instante seguinte. Nesta relação, há uma permuta constante entre quem manda e quem obedece.

Marton (1990), citando Nietzsche, expõe que no animal as funções da vida orgânica resultam da hierarquia firmada em um dado momento, entre vencedores e derrotados, procedentes do domínio da vontade de poder, da qual deduz-se também todos os instintos. Para o filósofo, o homem não existe como indivíduo, mas antes “como um combate das partes por (alimentação, espaço, etc.): sua evolução ligada a um vencer, um predominar de certas partes, um definir, um

tornar-se órgão de outras partes” (MARTON, 1990, p. 30). À vista disso, a vida para Nietzsche, não retrata uma vontade de conservação, retrata antes uma vontade de expansão, uma necessidade de apropriar-se de todas as outras partes do mundo, uma violência que o impele à necessidade de auto superar-se.

Nietzsche fala da importância da guerra, em *Assim Falou Zaratustra*, para demonstrar a necessidade de que não haja um termo na luta da vontade de poder.

Não vos aconselho o trabalho, mas a luta. Não vos aconselho a paz, mas o triunfo!
 Só podemos estar calados e tranquilos quando temos arco e flecha: do contrário, falamos e brigamos. Que vossa paz seja um triunfo!
 Dizeis que a boa causa santifica até mesmo a guerra? eu vos digo: é a boa guerra que santifica toda a causa.
 A guerra e a coragem fizeram mais coisas grandes do que o amor ao próximo. Não a vossa compaixão, mas a vossa bravura salvou até agora os desventurados (NIETZSCHE, 2011, p. 46).

A hierarquia estabelecida entre vencidos e vencedores revela-se na relação de interdependência, da qual uns submetem e são submetidos por outros. Contudo, devemos frisar que na luta nunca há uma trégua, e muito menos pode haver aniquilamento de uma das partes.

Na nossa interpretação do pensamento de Friedrich Nietzsche quanto à vida, entendemos que a luta figura seu traço fundamental, e é o próprio filósofo que corrobora com esta afirmação, ao expressar, segundo Marton (1990), “que a vida vive sempre às expensas de outra vida” (MARTON, 1990, p.31, apud, XII, 2(205)). E é justamente esta colocação que nos exorta a entender que, como para o filósofo é o devir que a tudo comanda, e como em nada há fixidez, portanto, desse embate constante da vontade de poder nas células e em todo o organismo, uma célula morre para dar para dar vida à outra.

Machado (1999) indica que existe incompatibilidade entre moral e vida por uma questão de que, a moral nega a nossa vontade de poder, ela a obstrui, já não mais como um estímulo e sim como eliminação da vontade. No entanto a moral não é incompatível com todo tipo de vida, apenas com a vida baseada na vontade de poder, à vida gregária ela é útil pois serve para a conservação da vida em sociedade.

Então, para nos libertarmos do peso da moral seria necessário que nos situássemos além do bem e do mal, numa posição que não nos deixasse nos moldar pela ilusão do juízo moral, para liberarmos a vida com toda sua vontade de poder: “e este segredo a própria vida me contou. ‘Vê, disse, eu sou aquilo que sempre tem de supera-se a si mesmo’” (NIETZSCHE, 2011, p. 110). O filósofo quer dizer, em última instância, que se intentarmos uma avaliação da vida, nós seres vivos por sermos parte dela não a julgaríamos de modo imparcial – se vivemos do modo do escravo, julgaremos a vida como uma tortura; se levamos a vida aos moldes do nobre, consideraremos uma benção. Avaliamos a vida de acordo com o modo de vida que vivemos. Seria necessário para julgá-la alguém que estivesse fora. Quem está fora já não tem mais como julgar pois está morto. Então apenas a vida poderia julgar-se a si mesma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trajeto que percorremos até aqui nos permite realizar algumas prognoses acerca do pensamento nietzschiano. Percebemos que Nietzsche, desde seus primeiros escritos, buscou transvalorar os valores em que o homem pautava a vida, como referindo-se a algo supremo. Ele entende que a partir do pensamento socrático-platônico, com o subsídio do cristianismo, houve uma inversão dos valores, sendo que, os valores dos nobres – valores que davam sustentação à vida – foram comprimidos por valores de escravos, valores da ralé, classe da qual segundo o filósofo, o próprio Sócrates era o principal representante. Ele via no pensamento socrático-platônico uma doutrina para o homem cansado, decadente, ressentido com a vida. A Filosofia baseada em dicotomias, que possuía como princípio a dualidade de mundos, representava para ele um crime contra a vida. Sócrates, como não conseguia viver de forma afirmativa, usou seu ódio contra esse mundo para criar um outro mundo, perfeito, imutável e eterno.

Com o advento da morte de Deus, servindo como marco desmesurável ao homem, cujo qual substitui tal ideia como pertencente a um ser divino, onipotente, onisciente e onipresente, com poderes infinitos, capaz de controlar nossa vida e nossos atos, através de uma moral transcendente por ideias humanistas, centradas no homem, por meio da racionalidade científica. Ou de outra forma: o homem deixa de ser regido por um ser supremo para reger a si próprio.

Porém, o homem nessa fase, ainda não é capaz de afirmar sua vida com valores capazes de elevar sua vitalidade. Conquanto, é o super-homem – uma crítica a toda herança judaico-cristã e socrático-platônica – quem representa este

novo homem, apto a viver a vida com sua crueza, e ainda assim desejar que retorne infinitas vezes.

Nietzsche vê na história da Filosofia uma raiva oculta contra tudo que concede valor à vida. Por intermédio dos sentidos, isto é, tudo que torna a vida mais potente, em detrimento da racionalidade. No entanto, é necessário que fique claro que, se Sócrates e Platão são os alvos prediletos de sus ataques, o filósofo do martelo também não poupa ataques a outros filósofos, racionalistas, como Descartes e Kant, dentre outros.

Um elemento relevante que aparece na obra utilizada como base do nosso trabalho é que, o filósofo utiliza as metamorfoses do espírito, que são três, para além de atacar a Metafísica, mostrar uma espécie de evolução no pensamento humano, que embora não seja no sentido darwiniano, o homem parte da figura do camelo como um primeiro estágio no qual aceita-se todos os valores externos, sem ao menos questionar-se o porquê; passa pelo estágio do leão, como aquele que tem a força de dizer sim ou não, dependendo da situação, até o estágio da criança, como liberto de toda moralidade vigente, para criar seus próprios valores, que enalteçam a vida e deem vazão à vontade de poder.

Para Nietzsche, o homem, principalmente Sócrates, cometeu o erro mais grotesco em relação à vida, ao tentar avaliá-la como que estando de fora dela. Sócrates teria sido o pioneiro, ao apresentar juízos de valor à vida em seus diálogos, como tratando-se de sum ser que não estava na própria vida, ou seja, não sendo um ser vivente. Para o filósofo alemão, isto representa uma sandice, pois um vivente não pode avaliar a vida porque é parte da mesma, isto é, não a julgaria imparcialmente; um morto não poderia julgá-la por questões óbvias. Nesse caso apenas a vida poderia avaliar a si própria, já que do contrário, cada um a avaliará de acordo com o modo que vive: quem vive uma vida de fracassos

– o escravo – não poderá avaliar a vida como boa. O contrário é o nobre, para quem a vida é o melhor que pode existir.

Então, destarte, a filosofia nietzschiana se além mais a isso: a vida possui várias interpretações, cabe então, vivermos da melhor maneira possível, com valores que faça-a expandir, jamais escassear.

REFERÊNCIAS

- ANGIONI, Lucas. **Comentários ao Livro XII da “Metafísica” de Aristóteles.** Cadernos de História e Filosofia da Ciência, [S.l.], v. 15, n. 1, feb. 2017. Disponível em: <<https://www.cle.unicamp.br/eprints/index.php/cadernos/article/view/614>>. Acesso em: 17 oct. 2017.
- AURÉLIO, Daniel Rodrigues. **Dossiê NIETZSCHE: Vida, Obra e Pensamentos do Mais Polêmico Filósofo da História Moderna.** São Paulo: Universo dos livros 2009.
- AZEREDO, Vânia Dutra de. **Nietzsche e a Aurora de uma Nova Ética.** São Paulo: Humanitas; Ijuí, 2008.
- BARBOSA, Ildenilson Meireles. **O pensamento do eterno retorno e da vontade de poder como superação das teleologias cristã e científica.** Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche – 1º semestre 2010 – Vol.3 – nº1 – pp. 71-89.
- BARROS, Tiago; DIAS, Rosa; VANDERLEI, Sabrina. **Leituras de Zaratustra.** Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.
- BARROS, Tiago Mota da Silva. **A transvaloração nietzschiana de Zaratustra: de profeta maniqueísta a anticristão aniquilador da moral.** Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche – 1º semestre 2008 – Vol.1 – nº1 – pp. 107-119. Disponível em: <http://www.tragica.org/artigos/01/10-tiago.pdf>. Acesso em: 02/10/2017.
- BIBLIA SAGRADA. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/ex/31>. Acesso em 15/12/2017.
- BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): Histórias de deuses e heróis;** tradução de David Jardim Júnior — 26ª ed. — Rio de Janeiro, 2002.
- CIQUINI, Fábio Henrique. **Time clock Piece: A herança de Prometeu, o complexo de Atlas e a sobrecarga no corpo.** IV Encontro Nacional de Estudos da Imagem I Encontro Internacional de Estudos da Imagem 07 a 10 de maio de 2013 – Londrina PR. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2013/anais2013/trabalhos/pdf/Fabio%20Henrique%20Ciquini.pdf>. Acesso em: 01/11/2017.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia.** 1ª edição brasileira: tradução de Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias, Rio de Janeiro: Rio, 1976.
- DOSTOIEVSKI, Fiodor Mikhailovitch. **Crime e Castigo.** Tradução Martin Claret, São Paulo, 2002.
- FOGEL, Gilvan. **Conhecer é Criar: Um Ensaio a Partir de F. Nietzsche – 2ª ed.** – São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2005.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. Nietzsche: **O Humano como Memória e como Promessa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GRANIER, Jean. **Nietzsche**; Tradução Denise Bottmann. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

MACHADO, Roberto Cabral de Melo. **Nietzsche e a Verdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

Zaratustra, Tragédia Nietzscheana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

MARTON, Scarlett. **Extravagâncias. Ensaio Sobre a Filosofia de Nietzsche**. 3ª ed. – São Paulo: Discurso Editorial e Bacarolla, 2009.

Nietzsche: **Das Forças Cósmicas aos Valores Humanos**. – São Paulo: Brasiliense 1990.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**; tradução, notas e posfácio Paulo Cesar de Souza. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

A Gaia Ciência; tradução Antonio Carlos Braga, Escala, São Paulo 2008.

Crepúsculo dos Ídolos, ou como filosofar com o martelo; tradução de Jacqueline Valpassos. São Paulo: Golden Books/ DPL, 2009.

Ecce Homo: como cheguei a ser o que sou; tradução Martin Claret, São Paulo, 2002.

Genealogia da Moral: uma polêmica; tradução, notas e posfácio Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

O Anticristo: Ensaio de Uma Crítica do Cristianismo; Tradução André Dispore Cancian, Fonte Digital www.ateus.net, 2002.

Além do Bem e do Mal ou Prelúdio de uma Filosofia do Futuro; Tradução: Márcio Pugliesi Da Universidade de São Paulo, © Copyright 2.001 by Hemus S.A., disponível em: <http://lelivros.love/book/download-alem-do-bem-e-do-mal-friedrich-nietzsche-epub-mobi-pdf/>. Acesso em: 18/12/2017.

Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra Moral. Tradução: Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2007.

RODRIGUES, Luzia Gontijo. **Nietzsche e os Gregos: arte e “mal estar” na cultura**. São Paulo: Annablume, 1998.

ROTTERDAM, Erasmo de. **Elogio da Loucura**. Tradução Paulo M. Oliveira, Digitalização de Edição em Papel Antena Editora, s.d. 2002.

SOUTO, Caio Augusto Teixeira. **Linguagem e Subjetividade em Nietzsche e Foucault**. *Kínesis*, Vol. IV, nº 07, Julho 2012.